

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E**  
**ANÁLISE EXISTENCIAL**

**TÂNIA AZEVEDO GARCIA**

**A CONDIÇÃO DA MULHER NO ORIENTE MÉDIO**  
**UMA ANÁLISE DE FILMES SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE EXISTENCIAL E**  
**DA ANTROPOLOGIA**

**BELO HORIZONTE**  
**2019**

TÂNIA AZEVEDO GARCIA

**A CONDIÇÃO DA MULHER NO ORIENTE MÉDIO**  
UMA ANÁLISE DE FILMES SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE EXISTENCIAL E  
DA ANTROPOLOGIA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Dra. Maria Madalena Magnabosco

BELO HORIZONTE  
2019

150  
G226c  
2019

Garcia, Tania Azevedo.

A condição da mulher no Oriente Médio [manuscrito] :  
uma análise de filmes sob a perspectiva da análise  
existencial e da antropologia / Tania Azevedo Garcia. -  
2019.

54 f.

Orientadora: Maria Madalena Magnabosco.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em  
Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial -  
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1. Psicologia. 2. Mulheres - Oriente Médio. 3. Liberdade  
I. Magnabosco, Maria Madalena . II. Universidade Federal  
de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências  
Humanas. III. Título.

*Às minhas pacientes e a todas as mulheres que se  
questionam e lutam pela condição de um existir livre e  
autêntico*

## AGRADECIMENTOS

À professora e doutora Maria Madalena Magnabosco, com quem tive a honra de trabalhar por longos anos e, mais recentemente, a oportunidade de ser sua aluna. Mais do que professora, ela se tornou para mim uma inspiração como ser humano e como psicoterapeuta. Madalena não só propõe ensinar a fenomenologia existencial, como também vive o existencialismo da forma mais autêntica.

Aos coordenadores do curso de pós-graduação, Dra. Claudia Lins e Dr. Giovanetti, pela excelência na gestão do curso e pela qualidade didática de suas aulas, sempre inspiradoras, prazerosas, favorecendo a construção generosa do conhecimento. Agradecimento extensivo a todos os professores do curso.

Aos meus colegas Mônica Combat e Fernando Fernandes, pelos finais de semana deliciosos, tanto nas aulas, quanto nos almoços e cafés. Estudamos, compartilhamos conhecimentos e nos divertimos muito.

Aos meus colegas de sala que, com sua *expertise*, experiência e participação tornaram as trocas e as aulas mais ricas.

À Cláudia Moreira, minha querida amiga, com sua inteligência invejável e sensibilidade, estimulou-me no desenvolvimento do tema deste trabalho.

Pela revisão do texto e à fiel amizade, como poucos podem ter, minha gratidão à querida Edna Lisboa.

Ao meu amado Ike. Suas palavras, seu companheirismo e atitudes me fazem acreditar que o amor é possível, especialmente quando existe liberdade, respeito pelas diferenças e, principalmente, admiração.

À minha filhota linda, Luiza Garcia, pelas críticas e revisões dos textos. Sua firme, discreta e sutil presença me faz acreditar que nós, mulheres, podemos sempre mais.

Por último, à minha querida mãe. Hoje, mais do que em qualquer momento de minha vida, percebo como as noites em que me fez adormecer lendo diversos contos de fadas plantaram a semente da psicóloga em que me tornei.

*Shukraan! Todá! Obrigada!*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo, por meio da pesquisa bibliográfica e literária e da análise de filmes pré-selecionados, identificar as possibilidades existenciais que se apresentam para as mulheres que vivem em contextos/culturas conservadoras, machistas e violentas. Para tanto, foi realizado um mapeamento do que se conceitua Oriente Médio, sua história e delimitações geopolíticas. Em seguida, a visita a textos sagrados e seculares que apresentam uma visão antropológica mais clara das condições das mulheres naquele contexto. Por fim, a análise de algumas produções cinematográficas, que pudessem ilustrar o tema. Os resultados apontam para uma realidade difícil, violenta, de submissão, mas também de muita luta pela conquista de direitos de liberdade, de autonomia e autenticidade. Batalha que não se limita àquele espaço, mas que urge também no ocidente.

**Palavras-chave:** mulher, Oriente Médio, violência, liberdade, corpo feminino.

## **ABSTRACT**

The present paper aims to identify, through bibliographical research the existential possibilities that are showed to women who live in conservative, sexist and violent background/culture. Therefore, a mapping from how Middle East can be conceptualized, its history and geopolitical limitations was made. Then, the read of both secular and sacred texts which show a clearer anthropological approach of women in those backgrounds. Finally, the analyze of a few cinematographic production that can be theme illustrator. Results indicate a though, violent and submissive reality, but also a picture in which there is a lot of struggle in order to acquire freedom, independence and authenticity rights. An engagement which is not only restricted to that space, but also urges in the West.

**Keywords:** woman, Middle East, violence, freedom, female embodiment.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	10
<b>2.1 Oriente Médio: uma visão panorâmica</b> .....	10
2.1.1 Geografia.....	11
2.1.2 Um pouco de história.....	15
2.1.3 Israel.....	17
2.1.4 Povos árabes.....	20
<b>2.2 A condição da mulher no Oriente Médio: uma visão antropológica</b> .....	22
2.2.1 <i>O que diz o Alcorão</i> .....	23
2.2.2 <i>O que dizem os livros sagrados judaicos</i> .....	26
2.2.3 <i>O que se encontra na literatura secular</i> .....	28
2.2.3.1. <i>Nove partes do desejo: o mundo secreto das mulheres islâmicas</i> .....	29
2.2.3.2. <i>Princesa: a história real da vida das mulheres árabes</i> .....	31
<b>2.3. A condição da mulher no Oriente Médio sob a perspectiva da sétima arte</b> .....	34
2.3.1 A ganha-pão e Cairo 678.....	35
2.3.2 A Pedra de paciência e O sonho de Wadjda.....	38
2.3.3 O Julgamento de Viviane Amsalem.....	43
<b>3.METODOLOGIA</b> .....	46
<b>4.CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50

## 1 INTRODUÇÃO

A televisão na década de 70 projetava, com alguma regularidade, filmes sobre o universo árabe. Era um retrato romântico, recheado de odaliscas, magos, príncipes e princesas, fazendo com que o telespectador criasse uma ideia muito idealizada daquele contexto. Baseados, geralmente, em conto de fadas, aqueles filmes apresentavam uma imagem bem diferente do que a tela do cinema tem apresentado nas décadas mais recentes.

Na busca de um retrato mais fiel da realidade, a autora deste trabalho tem se envolvido bastante nas questões ligadas àquele universo. Algumas experiências pessoais, como uma viagem à Jerusalém, à Palestina e à Turquia; visitas a algumas mesquitas; conversas com algumas muçulmanas no Brasil e em Moçambique; a leitura de alguns livros sobre o tema e, claro, os diversos filmes a que assistiu nos últimos anos, tiveram como consequência maior fascínio pelo Oriente Médio, mas com uma emoção bem distante do romantismo, da fantasia e do encantamento das histórias das Mil e Uma Noites.

Esse encantamento se iniciou muito cedo. Acredita a autora que as belas histórias das Mil e Uma Noites, contadas por sua mãe, quando ainda criança, plantaram a semente de sua curiosidade, que se tornou mais evidente em sua prática clínica.

As histórias de vida de algumas de suas pacientes, mulheres independentes financeiramente, mas presas a uma cultura ainda patriarcal e chauvinista como no Brasil, fizeram-na tentar, por meio da arte, tanto da literatura, quanto do cinema, decifrar o sentido de ser mulher. Uma frase proferida por uma de suas pacientes particularmente lhe chamou a atenção: *“eu não sinto que tenho liberdade para trabalhar, eu tenho autorização”*.

A ideia inicial era fazer um paralelo entre o que acontece com as mulheres no Oriente Médio com o que vivenciam as mulheres ocidentais. Contudo, o projeto seria ousado demais para o tempo exíguo para executá-lo. Definiu-se, portanto, a análise da condição existencial da mulher apenas no Oriente, deixando-se a confrontação com o Ocidente para um momento mais oportuno.

Assim, optou-se por uma abordagem qualitativa, por meio da revisão de literatura e análise de filmes que retratam a mulher naquele contexto.

O levantamento de referências teóricas já publicadas se tornou um grande desafio. Pouco material tem sido revelado sobre a situação da mulher nos países árabes e em Israel, o que confirma a desvalia da mulher constatada neste trabalho e, quando se encontra alguma produção, em regra, possui um viés ocidental.

Na tentativa de responder quais possibilidades existenciais se apresentam para as mulheres que vivem em contextos/culturas conservadores, machistas e violentos como os dos países do Oriente Médio, a investigação em literatura romanceada se tornou premente. Para tanto, buscaram-se escritores que apresentassem casos reais, como nos livros de Geraldine Brooks, jornalista correspondente do *Wall Street Journal*, que trabalhou vários anos cobrindo guerras e conflitos naquela região ao longo dos anos 80 e 90 e no romance de Jean P. Sasson, que conta a história real de uma princesa, com a qual a romancista teve contato pessoal durante os anos em que viveu no Oriente Médio.

Em virtude da forte presença da religiosidade, a leitura dos livros sagrados, mais precisamente, a Torá judaica e o Alcorão islâmico, também se fez necessária. Algumas citações e análises críticas destes estarão presentes ao longo do texto.

Contrário ao que ocorre com a produção científica literária, a cinematográfica vem se destacando com grandes e premiadas produções sobre o tema. Foram eleitos, dentre várias opções: *A ganha-pão*, de Nora Twomey; *Cairo 678*, de Mohamed Diab; *A Pedra de Paciência*, de Atiq Rahimi; *O Sonho de Wadjda*, de Haifaa Al-Mansour e *O julgamento de Viviane Amsalem*, de Ronit Elkabetz e Shlomi Elkabetz.

Como fruto desta pesquisa, a estrutura contempla três capítulos. O Capítulo 1 apresenta uma visão panorâmica sobre o que se denomina Oriente Médio. O leitor e a leitora irão se deparar com certa divergência entre os autores pesquisados. A delimitação desse espaço não é unânime entre eles, pois não se trata de uma simples divisão geográfica, mas sim de uma definição geopolítica, o que torna seus contornos bem flexíveis em virtude da orientação preferida de cada pesquisador. Já o capítulo 2 teve como objetivo apresentar uma visão antropológica da condição da mulher naquele espaço territorial, buscando revelar como a religião, a história e as diversas guerras e conflitos afetaram a sua existência. Por meio da apresentação da literatura consultada, é possível vivenciar um pouco da opressão e do sofrimento de mulheres reais. Por fim, o terceiro capítulo, a partir da análise das histórias contadas pelos filmes selecionados certamente levará, a quem se interessar sobre o tema, à reflexão sobre a angústia de ser mulher, mas também, e, talvez, principalmente, sobre a resistência e coragem na luta pela liberdade de ser, no sentido mais existencial da palavra.

Em busca de uma vida autêntica, na condição de um ser-de-possibilidades, os filmes retratam que a luta pela liberdade da mulher, nas culturas árabe e judaica, tem sido uma empreitada árdua. Por vezes, consideradas seres inferiores, elas têm se submetido às regras e ao rigor de leis machistas e patriarcais, fundamentadas pela religiosidade de seus países.

Em síntese, por meio da articulação dos filmes indicados com a literatura pesquisada, foi possível identificar as possibilidades existenciais, os plausíveis horizontes e limites que se apresentam para as mulheres que vivem no Oriente Médio. Os resultados apontam que onde há opressão, há muito sofrimento, mas também resistência e que a luta ainda está longe de um final feliz, como o que ocorre nos contos de fada.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Oriente Médio: uma visão panorâmica**

*“Tenho, contudo, enorme consideração pela fortaleza das pessoas daquela parte do mundo, bem como por seu esforço de continuar lutando por sua concepção do que são e do que desejam ser”*  
Edward Said

Para se fazer uma apresentação do Oriente Médio, é preciso, antes de mais nada, algumas análises críticas a respeito do que se tem construído como conceito.

Edward Said (2007) tece diversas considerações a fim de que o seu leitor esteja atento a refletir sobre o que ele denomina de Orientalismo. Crítico literário, defensor da causa palestina e professor na universidade americana de Columbia, ele denuncia a imprecisa definição do termo, alertando que o conceito do que seria o Oriente é um julgamento ocidental, distorcido, pautado pela dominação europeia que dita o que seria ou não seria o Oriente.

O orientalismo não é uma visionária fantasia europeia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material. (SAID, 2007, versão para Kindle, localização 401)

Essa construção, para o acadêmico, está contaminada por uma ideia de superioridade da cultura europeia sobre os povos e cultura do Oriente. Assim sendo, ele considera que o conceito de Oriente ou de Ocidente não possuem uma estabilidade ontológica.

Essa forma de constituir o conhecimento sobre o Oriente é fruto da dominação e colonização europeia, especialmente pela França e Inglaterra e, mais recentemente, pelos Estados Unidos da América (EUA). Com base nas últimas guerras, inclusive a do Iraque x Irã, em que ocorreram saques, pilhagem e destruição das bibliotecas e museus no Iraque, recheando os museus europeus, Said (2007) ressalta que

o que nossos líderes e seus lacaios parecem incapazes de compreender é que a história não pode ser apagada, que ela não fica em branco como uma lousa limpa para que nós possamos inscrever nela nosso próprio futuro e impor nossas próprias formas de vida para que esses povos menores os adotem. (SAID, 2007, versão para Kindle, localização 87)

Impressos de má qualidade abarrotam as livrarias e bancas americanas com informações distorcidas e perniciosas sobre a ameaça islâmica. Políticos polemistas se portam como detentores de um saber que teria sido influenciado por peritos, inclusive, judeus, como o caso do acadêmico britânico Bernard Lewis, especialista em história do Oriente Médio e do Islã, principal crítico do pensamento de Said.

Para Said, o propósito é insuflar a América contra o “diabo estrangeiro”. Fato que acabou sendo reforçado pelos ataques de 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas em Nova

York. Em nome da libertação daqueles povos, muitos enganos, invasões e conceitos distorcidos têm sido arquitetados. Mas o Oriente não é um mero exportador de bananas, mas de petróleo. Riqueza comum num Oriente de países, povos e culturas muito distintos entre si. Daí a importância e desafio de se classificar um espaço, sobre o qual não existe sequer um limite geográfico consensual entre os diversos pesquisadores, estudiosos, políticos e economistas sobre o tema, de forma minimamente isenta dos preconceitos e influência de quem tem dominado aquela região.

Enfim, quando se fala em Oriente Médio, a que estamos nos referindo? Que espaço geográfico compreende o Oriente Médio ou, como denominado por alguns, Ásia Ocidental ou Oriente Próximo?

### *2.1.1 Geografia*

Considerado o local onde nasceu a civilização, o Oriente Médio é cercado por muitas histórias, que vão desde a fantasia estimulada por filmes e Contos das Mil e Uma Noites, até os conflitos registrados ao longo dos tempos.

Quando se pensa no Oriente Médio, é bom lembrar ter sido aquela parte do mundo que a humanidade iniciou sua marcha junto à civilização. Foi lá que o homem aprendeu a arar, a rezar, a arrepender-se do mal cometido. Foi lá que foi erigido o primeiro templo, arado o primeiro campo de trigo, celebrado o primeiro casamento, construído o primeiro lar, promulgado o primeiro código. (CHALLITA, 1990, p. 13)

Conforme indica Challita (1990), o registro geográfico do Oriente Médio é, de certa forma, impreciso.

Segundo o autor, o Oriente Médio era composto pela Turquia, Irã, Iraque, Barein, Kuwait, Arábia Saudita, Iêmen, Catar, Omã, Emirados Árabes Unidos, Palestina, Síria, Líbano, Jordânia, Israel e Egito.

Francisco (2019), Freitas (2019) e Silva (2019) já se referem àquele espaço geográfico como circunspeto por cerca – o termo denota a imprecisão geográfica – de 15 países, sendo eles: Afeganistão, Arábia Saudita, Barein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Síria, Turquia.

Já de acordo com o G7 – grupo composto pelos governantes de países mais poderosos do mundo: Estados Unidos da América, Japão, Inglaterra, França, Itália, Canadá e Alemanha, mais a Rússia –, o Oriente Médio é delimitado ao norte pelos Mares Negro e Cáspio; Arábico (parte do oceano Índico) e Golfo Pérsico ao sul; Vermelho e Mediterrâneo a oeste e conta com

dois grandes desertos: o deserto da Arábia e o Saara e com os rios Nilo (Egito), Tigre (Iraque, Síria, Turquia), Eufrates (Iraque e Síria) e o rio Jordão (Israel e Jordânia). Como sublinha Challita (1990, p.18), “em nenhuma outra parte da terra, reúnem-se, num espaço tão limitado, tantos mares, montanhas, rios, istmos, penínsulas, desertos”.

Visentini (2014) complica mais ainda a delimitação do que seria para ele O Grande Oriente Médio. Em sua busca por uma apresentação mais ampla dos contornos daquela região, o autor trabalha com um total de 31 estados, árabes e não árabes.

Essa breve apresentação já sinaliza a dificuldade de definição geográfica daquela região, especialmente levando-se em consideração que, por exemplo, parte de Istambul, cidade ocidental da Turquia, pertence à Europa.

Como reflexo da inexatidão geográfica, tem-se o registro populacional variando entre 270 a mais de 330 milhões, ou, se incluirmos os estudos de Visentini (2014), 600 milhões de habitantes. Como referência, utilizam-se aqui os dados apontados na tabela 1.

**Tabela 1 – Densidade demográfica dos países do Oriente Médio**

Países	densidade demográfica(por km <sup>2</sup> )	população
		2013
Afeganistão	47,7	31.108.000

Arábia Saudita	12,5	26.940.000
Barein	4367	1.281.000
Catar	176	2.042.000
Chipre	125	1.155.000
Emirados Árabes Unidos	65,5	5.474.000
Iêmen	48,1	25.408.000
Irã	52,1	79.854.000
Iraque	72,8	31.858.000
Israel	379,1	7.707.000
Jordânia	73	6.482.000
Kuwait	151,3	2.695.000
Líbano	403,9	4.132.000
Omã	10,2	3.154.000
Síria	122,3	22.457.000
Turquia	104,8	80.694.000
<b>Total</b>		<b>332.438.987</b>

Fonte: Educabras.com, 2019

Já a tabela 2 apresenta a diversidade étnica, religiosa e língua daquela região, composta majoritariamente por árabes.

**Tabela 2 - Diversidade Étnica dos Povos do Oriente Médio**

PAÍSES	PRINCIPAIS GRUPOS ÉTNICOS	LÍNGUAS	PRINCIPAIS RELIGIÕES
<b>Líbano</b>	95% árabes	árabe, francês, inglês	muçulmanos (60%)

			cristãos (39%) e drusos
<b>Turquia</b>	75% turcos	turco, curdo e árabe	98% muçulmanos (sunitas)
	18% curdos		
<b>Israel</b>	75,1% judeus	hebraico e árabe	judeus (75,1%)
	20,3% árabes		muçulmanos
			cristãos
<b>Irã</b>	61% persas	persa, curdo, armênio	muçulmanos 98%: xiitas (91%) e sunitas (9%)
	10% curdos		
<b>Afeganistão</b>	42% patãs	pushtu e dari	muçulmanos 99%: sunitas (9%) e xiitas (89%)
	27% tajiques	(dialeto persa)	
<b>Jordânia</b>	98% árabes	árabe	muçulmanos 92% (sunitas)
			cristãos (6%)
<b>Síria</b>	90% árabes	árabe, turco, curdo	muçulmanos sunitas 74%
			outros muçulmanos 16%
			cristãos 10%

Fonte: Educabras.com, 2019

Região das primeiras civilizações da humanidade, berço das três principais religiões monoteístas do mundo, sendo elas o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, o Oriente Médio atrai a atenção do mundo, por suas implicações históricas, por sua importância estratégica, política e econômica (petróleo) e pelos diversos conflitos que lá emergiram ao longo de toda a história, especialmente, as ocorridas nos últimos séculos.

### 2.1.2 Um pouco de história

Seguindo a linha histórica indicada por Challita (1990), a primeira civilização, a Assíria – de 1300 a 612 Antes da Era Comum (A.E.C)<sup>1</sup> - desenvolveu-se ao longo do rio

1 .Na literatura ocidental de base cristã costuma-se citar as eras como a.C (Antes de Cristo) ou d.C (Depois de Cristo). Originário do latim *Anno Domini*, a Era Comum (E.C), período definido a partir do primeiro

Tigre, região hoje denominada de Iraque. A civilização babilônica passou a ocupar esse mesmo território entre o trigésimo e o sexto séculos A.E.C e era considerada a mais emancipada civilização naquele período.

Em seguida, tem-se a civilização fenícia (c.1200 a 539 A.E.C), descobridora do mundo, por ter inventado a navegação, o alfabeto e permitido, assim, o intercâmbio entre os povos.

Ao Sul, emerge a civilização egípcia com suas obras artísticas e faraônicas, como as Pirâmides e as gigantescas estátuas. Mas nenhuma dessas civilizações, conforme acredita o mesmo autor, foi superior em termos de herança para a humanidade como foi a civilização judaica. Os judeus não tiveram nem o gênio arquitetônico dos egípcios, nem o arrojo militar dos assírios e nem a audácia dos fenícios. Sua contribuição para a civilização universal foi diferente e, sem dúvida, superior. “Tinham mais do que qualquer outro povo o gênio religioso.” (CHALLITA, 1990, p. 22).

O libanês Challita chama a atenção para a importância da civilização árabe, que deixou consideráveis contribuições. Segundo o embaixador, a partir do século VII, com a expansão do islamismo, os árabes deixaram legados nas ciências, nas artes, na filosofia, na literatura e na religião. O que assevera Visentini (2018), ao comentar que a civilização islâmica

teve seu apogeu entre os séculos VII e XV como uma civilização urbana e comercial florescente, com notável desenvolvimento nas ciências e artes (astronomia, matemática, cartografia, medicina, filosofia e literatura). Durante a Idade Média, enquanto a Europa cristã era bastante atrasada, o Oriente Médio era próspero, como constataram os cruzados. Enquanto a nobreza feudal europeia vivia em castelos insalubres e desconfortáveis, as cidades do Cairo e de Bagdá já possuíam iluminação pública nas ruas (VISENTINI, 2018, p.6).

Durante séculos, a região árabe foi dominada pelos impérios Persa e o Turco-otomano. Este último, no período que compreende entre os séculos XV e início do século XX, marcou por sua tirania e riqueza, estabelecendo “uma dominação feudal-militar que empobreceu a região” (VISENTINI, 2018, p.6). Ao final de sua dominação, o Oriente Médio não tinha mais a riqueza intelectual e artística produzida no período das grandes civilizações que por ali passaram. “Em toda parte só se viam massas empobrecidas e desvitalizadas frente a minorias privilegiadas e insensíveis que monopolizavam o poder e a riqueza.” (CHALLITA, 1990, p. 26)

ano no calendário gregoriano será eleito neste trabalho, visando desvincular o termo de qualquer ênfase religiosa e seguindo o termo acadêmico preferencial.

Tombando o Império Otomano, logo após a primeira guerra mundial, França e Inglaterra dividiram as terras do empobrecido e sofrido Oriente Médio. Criaram-se assim os protetorados – denominação dada a um estado protegido e colocado sob a autoridade de um estado estrangeiro – o que contrariou as expectativas dos países locais que acreditavam que, ficando livres do império otomano, teriam autonomia para criar, administrar e desenvolver suas respectivas regiões com base em sua própria cultura e história.

De libertadores, França e Inglaterra se tornaram colonialistas. Evidentemente, durante o período de escuridão promovido pelo império otomano, a Europa se desenvolvia nos campos da ciência e da economia, o que permitiu levar para os novos povos colonizados um pouco desse desenvolvimento, mas não sem autoritarismo e arrogância. Desconsideraram totalmente a cultura dos povos conquistados e, conforme Chalitta (1990), trataram esses povos “com indisfarçável desprezo”.

Corroborando essa ideia, Said (2007) evidencia que a falta de democracia e a supressão dos direitos das mulheres vividos pelos povos árabes os tornou alvo desse ataque maciço sobre o Oriente. Noções como modernidade e iluminismo não são consensuais, nem universais. É preciso entender como cada cultura, cada povo os vivencia.

Para o autor, a leviandade estarrecedora dos publicistas inconsequentes que falam em nome da política externa e que não têm a menor noção da vida real nesses lugares (nem conhecimento da língua ou do que as pessoas reais efetivamente falam) fabricou uma paisagem árida à espera de que o poderio americano viesse a construir um modelo sucedâneo de “democracia” de livre mercado, sem nem mesmo se considerar a hipótese de que tais projetos não existam fora da academia de Lagado, de Swift (Viagens de Gulliver).

Como reação, os povos locais passaram a odiar os ocidentais colonizadores, como se odeia um inimigo. Fato que se perpetua até os tempos atuais, como se pode constatar por meio de qualquer canal de comunicação. Por várias vezes e ocasiões ao longo dos últimos anos, foi e é possível assistir à queima de bandeiras de países ocidentais em praça pública em diversos países árabes.

Os únicos estados que efetivamente se tornaram independentes foram a Turquia, originária do império otomano; o Irã, antiga Persa e Israel, estado criado após a segunda guerra mundial. Este último merece atenção especial, pela forma como se constituiu e como vem dominando a região da Palestina, gerando o complexo conflito Israel x Palestina.

Como salienta Said (2012), a população nativa, apesar de majoritária naquela região, foi totalmente ignorada para que o Estado de Israel se configurasse como tal. Fato que corrobora a tese de Said (2007) e (2012) de que o ocidente vem se impondo àquela região, já

que as grandes potências envidaram muitos esforços para que a criação do Estado de Israel se concretizasse.

### 2.1.3 Israel

*“O lobo viverá com o cordeiro, o leopardo se deitará com o bode, o bezerro, o leão e o novilho gordo pastarão juntos, e uma criança os guiará”.*  
Isaías 11:6

*“Trocáramos, com prazer, muitos séculos de História por um pouco de geografia”.*  
Velho ditado sionista

Três anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, foi criado pela ONU o Estado de Israel. A ideia que se tem popularizado é de que era necessária a criação de um estado para proteger um povo que sofria as consequências de diversas diásporas ao longo da história e a mais dramática e sofrida experiência que foi o extermínio de mais de 6 milhões de judeus nos campos de concentração na Segunda Guerra Mundial.

Vale lembrar que a diáspora e o extermínio de povos não aconteceram somente nessa ocasião. Antes do Holocausto, durante e após a Primeira Guerra Mundial, ocorreu o genocídio armênio pelo império Turco-otomano, que disseminou uma média de um milhão e meio de armênios (SANTOS, 2013). Segundo reportagem da Folha de São Paulo, do ano de 2006, ressalta-se que o termo genocídio é negado até os dias atuais pela Turquia.

Retomando a história da construção do Estado de Israel, o sionismo, movimento de retorno ao Monte Sião, colina situada em Jerusalém, começou muito antes do fim da Segunda Guerra Mundial. Região denominada de Palestina, Filistina – terra dos filisteus – tem sido reclamada pelos sionistas há muito. Em função das diásporas sofridas, a criação do Estado de Israel na Palestina se tornou urgente, conforme definido pela ONU em 1948.

Entretanto, com tantas invasões que aquele espaço geográfico sofreu ao longo de sua história, torna-se quase impossível determinar quem seriam seus povos nativos originariamente.

A escolha e imposição da Palestina como terra dos judeus é contestada inclusive por alguns historiadores judeus. Shlomo Sand (2011), austríaco judeu, professor da Universidade de Tel-Aviv, atesta que, em virtude das diversas perseguições, diásporas, miscigenações, exílios em diversas partes do mundo, a ideia de um Povo Judeu é uma invenção. Para ele, os judeus sempre formaram comunidades religiosas, mas não podem ser considerados como uma nação de uma só origem. Daí a reclamar um território como seu soa equivocado.

Para Masi (2013), a concepção de uma identidade judaica pode ser justificada pelo conceito de roteiro, apresentado por Eric Berne como

percurso conceitual que consiste nas normas e nos valores transmitidos de genitor a genitor, na sensibilidade transmitida de criança a criança e no saber-fazer que se transmite de adulto a adulto. A confluência dessas mensagens se traduz nas atitudes e comportamentos, cujo conjunto se encontra, *mutatis mutandis*, em quase todos os judeus, incluídos também aqueles que negam o seu judaísmo. (MASI, 2013, versão para Kindle, localização 2643)

Corroborando a concepção de Sand, Challita (1990), contudo, destaca existir uma qualidade em comum.

Mas inassimilados e inassimiláveis, eles haviam guardado uma identidade e uma solidariedade que os distinguiam. As perseguições e as segregações de que eram objeto em muitos lugares tinham reforçado seu caráter separatista. E eles possuíam um legado cultural e espiritual de valor inestimável: a Bíblia, que ligava seu nome à Terra Santa. (CHALLITA, 1990, p. 30)

Para o mesmo autor, Sião ou Jerusalém “não é uma simples designação geográfica: tem uma ressonância profética e poética, e está carregado de emoção e de fé” (CHALLITA, 1990, p.32).

Vários foram os exílios que os judeus sofreram ao longo da história. Entre 609 e 587 (A.E.C), houve a deportação realizada pelo império babilônico, quando ocorreu a primeira destruição do templo em Jerusalém. A segunda destruição da cidade de Jerusalém, ocorrida em 70 (EC) pelas mãos dos romanos, também promoveu o banimento dos judeus. Essas são talvez as mais significativas expulsões e destruições, mas várias outras ocorreram anteriormente, como pelos assírios em 722 (A.E.C). Importante frisar que, na Antiguidade, os registros apontam povos nômades sempre lutando por terras para cultivar ou promover o comércio.

Conforme a Bíblia, Abraão, o pai do monoteísmo, e seus descendentes, vindos da Mesopotâmia, teriam habitado a terra de Canaã – região antiga que compreende atualmente o Estado de Israel, a Cisjordânia, a Faixa de Gaza, parte da Jordânia, Líbano e Síria - seguros de que esta era a terra prometida por Deus. Fugindo da fome, por volta de 1750 (A.E.C), como relata Armstrong (2000), os hebreus seguem para o Egito, sendo escravizados por mais de 400 anos. Pelas mãos do líder Moisés, retornam à terra prometida após 40 anos vivendo como nômades no deserto.

É com base nesses fatos bíblicos que embasam a fé judaica, que os judeus pleiteiam a região da Palestina como Estado de Israel e continuam invadindo territórios, além dos espaços geográficos definidos pela ONU, com a presunção de que aquela é a sua Terra Santa. E, como relata Armstrong (2000), é muito difícil argumentar com os judeus contra essa ideia, pois, para eles, a “certeza” é dada pela fé.

Entretanto, o sionismo é um termo criado no final do século XIX pelo jornalista austríaco Theodor Herzl. Sensibilizado pelos maus tratos recebidos pelos judeus em sua terra natal, ele escreve o Livro O Estado Judeu. Challita (1990) registra que foi, no congresso da Basileia, em 1887, que Herzl teria escrito em seu diário:

Se tivesse de resumir numa palavra o Congresso da Basileia – o que não farei publicamente – diria que na Basileia fundei o Estado Judeu. Se falasse assim hoje, todos zombariam de mim. Mas em cinco anos, talvez, e certamente em 50, todos o verão (HERZL *apud* CHALLITA, 1990, p.33)

Não imaginaria o jornalista que seu prognóstico se confirmaria de forma tão precisa. Em 1948, a Organização das Nações Unidas proclamou a criação do Estado de Israel. Somente em 1967, na segunda Intifada – denominação popular dos levantes dos palestinos contra Israel-, Jerusalém, que até então era um estado livre, sob controle internacional, foi tomada pelos israelenses no conflito árabe-israelense denominado Guerra dos Seis Dias. Jordânia ficou com o lado oriental da cidade e Israel com o ocidental, o que gerou uma situação de conflito, que permanece até os dias atuais.

O grande dilema surge quando, tanto as grandes potências, quanto a ONU, esquecem que, no território destinado aos judeus, havia uma outra população que habitava aquele lugar há muitos séculos: os árabes palestinos. Havia judeus na região sim, mas 92% da população era árabe.

Natural que a balcanização – termo geopolítico que descreve um movimento de fragmentação de uma região - ocorreria naquele território. Reproduzindo a interpretação de um grande conhecedor do Oriente Médio, como assim o nomeia Challita (1990), é naturalmente possível a balcanização do Oriente Médio porque

um traço distintivo do Oriente Médio tem sido a resistência obstinada das minorias a serem subjugadas ou absorvidas ou silenciada ou eliminadas. Não pode haver ordem estável no Oriente Médio enquanto não se tomar esse fato em consideração. Mas devemos lembrar que, no Oriente Médio, não há somente minorias religiosas. Há também minorias nacionais, culturais e étnicas. (CHALLITA, 1990. P. 45).

Enfim, contrariando sua história de sagacidade, inteligência, diplomacia e astúcia, e seguindo o preceito de que o judeu deve tratar a um estrangeiro como a um irmão, como se faz na *Pessach* – páscoa judaica-, comemoração que relembra o período de exílio e escravidão no Egito, Israel continua utilizando sua força bélica para se manter firme num território ainda dominado pelos árabes.

### 2.1.4 Povos árabes

*“Deixo-vos algo que, se o seguirdes, nunca vos desviareis! É o livro de Deus!”  
Profeta Maomé*

Conforme apresenta-se na tabela 2, a diversidade religiosa, étnica e cultural ilustra a dificuldade em se tratar o Oriente Médio como uma unidade. Coexistem três religiões, mas, como é possível confirmar, a religião muçulmana é predominante, o que, para os fins que este trabalho propõe, utilizar-se-á sua apresentação como referência para a compreensão do que seriam os povos árabes. Isso se deve especialmente ao fato de que, para o árabe muçulmano, o islã não representa apenas uma religião. Ele implica relações e valores estabelecidos em instituições políticas, econômicas e sociais. E, até mesmo, condutas simples do dia a dia, como namorar, educar os filhos, vender ou comprar um imóvel. Toda e qualquer conduta é guiada pela análise de que ela agrada ou não a *Allah*.

Challita (1990), bebendo na fonte de Gustave Le Bon, ressalta que

o império fundado pelos árabes apresenta o fenômeno característico de ter sido o único grande império estabelecido em nome de uma religião e tirando dessa religião todas as suas instituições políticas e sociais. (CHALLITA, 1990, P. 74)

Confirmando a dificuldade em estabelecer uma unidade entre os povos árabes, senão pela religião, Masi (2013) afirma que

o mínimo denominador comum desses países é o monoteísmo, a contínua referência aos princípios fundamentais do islã, a tensão existencial entre tradição e inovação que, em alguns casos, extrapola em lutas fratricidas. Disso resulta uma condição social caracterizada por integralismo, mínima liberdade individual, baixa liberdade de expressão, machismo acentuado e analfabetismo difundido. (MASI, 2013, versão para Kindle, localização 4171)

Nascido em Meca, em 570 (E.C), Maomé ou Muhammad é considerado pelos muçulmanos o último profeta. Naquela época, Meca era habitada por beduínos e nômades, politeístas. Teria ele recebido a revelação de *Allah* em Meca, entre os anos 610 e 622 e em Medina entre 622 e 632 (EC).

Analfabeto, mas considerado um líder militar e político carismático, Maomé teria conquistado várias legiões de árabes, que lutaram para a construção de uma crença monoteísta: “matai os idólatras onde quer que os encontráreis” (Corão, Sura IX). Assim, “a nova religião foi imposta a golpes de sermões e cimitarras” (MASI, 2013, versão para Kindle, localização 4262) e, como declara a *Chahada* – o primeiro dos cinco pilares do islamismo -

“Não há deus senão Deus, e Maomé é o Seu profeta”, entretanto, não se esquecendo de que debaixo dessa recitação haverá sempre uma espada, como sustenta Challita (1990).

Os demais pilares são a Oração, pois um muçulmano deve orar cinco vezes ao dia em direção à Meca; a prática da Zakat, que constitui caridade para com os pobres; jejum durante o período do Ramadã, mês que em que se deve jejuar e não praticar relações sexuais entre a alvorada e o pôr do sol e, por último, a peregrinação à Meca, desde que o fiel tenha condições financeiras para fazê-lo em algum momento de sua existência.

Para os muçulmanos, como apresentado pela Federação das Associações Muçulmanas do Brasil em um *folder* distribuído na Mesquita Misericórdia na cidade de São Paulo,

o profeta Mohammad foi o exemplo perfeito de um ser humano honesto, justo, misericordioso, compassivo, verdadeiro e corajoso. Apesar de ser um homem, estava longe de qualquer vestígio do mal e apenas lutou pela causa de Deus e pela recompensa na vida após a morte. Além disso, ele estava sempre consciente de Deus e O temia em todas as suas ações e relacionamento.

Com quase um quarto da população da Terra, os muçulmanos possuem muita riqueza e são constantemente notícia nas redes de comunicação em virtude das guerras, atentados e pelo petróleo, o qual afeta a economia e a política mundial.

O que possuem em comum é a tradição e a religiosidade, pois, diferentemente da Igreja Católica, que possui um líder - o Papa-, os muçulmanos não possuem um chefe religioso. O islã não tem clero, nem autoridade central a quem é designada a interpretação autêntica das escrituras e da tradição. Daí a miríade de grupos, seitas, diásporas, separações e composições dos fiéis. (MASI, 2013, versão para Kindle, localização 4317). E essa divisão entre os muçulmanos começou muito cedo. Como narra Brooks (2002), com a morte de Maomé, seus seguidores entraram numa disputa de quem deveria ser seu substituto. A corrente principal e majoritária denominada Sunita – de *sunnah*: tradição – acreditava que o líder deveria ser nomeado pelo grupo dos mais velhos. Já a frente minoritária, a Xiita – *Shiat Ali*: partidários de Ali –, pensava que aquele deveria vir da própria família.

As revelações recebidas de *Allah* pelo profeta, durante 23 anos, configuraram o Corão ou Alcorão, livro sagrado muçulmano que se subdivide em capítulos denominados Suras. Como reverência ao Alcorão, os povos árabes muçulmanos proíbem o uso de bebidas alcoólicas; açoitam ladrões em praça pública; obrigam mulheres a cobrir o rosto com o véu, o *hijab*, ou o corpo com o *chador* ou a *burka* e matam-nas por apedrejamento em caso de adultério, em alguns países. São estes hábitos disseminados e cultivados por muitas nações árabes de origem muçulmana.

Feita então essa tentativa de se apresentar o Oriente Médio, acredita-se que, a partir de agora, é possível discorrer sobre a condição da mulher nesta região tão antiga, fascinante e complexa.

## 2.2 A condição da mulher no Oriente Médio: uma visão antropológica

*“Deus Todo-Poderoso criou o desejo sexual em dez partes; então ele deu nove partes às mulheres e uma aos homens”.*  
Ali ibn Taleb

*“E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás?  
E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me.  
E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?  
Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi.  
E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto?  
E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi”*  
Gênesis 3:9 – 13

A imagem da mulher, do ponto de vista sociocultural, apresenta várias contradições. De frágil, delicada e vulnerável, ela se transforma em um ser ardil, malicioso e astuto. Com base nessas características divergentes, sua liberdade tem sido suprimida.

Como sugere Botelho (2018), as religiões têm sido as principais instituições a fundamentar ideológica e culturalmente a posição de inferioridade da mulher, sendo esta relegada ao espaço doméstico ao longo da história. Somente a partir de fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, é que esse quadro toma uma nova direção, quando o sexo feminino foi convocado a substituir os homens no mercado de trabalho, já que estes estavam lutando nas grandes guerras mundiais.

Nas sociedades mais antigas, o homem estaria mais envolvido com atividades externas, que o fizeram ter mais acesso ao social e à cultura, enquanto a mulher, por motivos biológicos, ficaria circunscrita ao contexto doméstico, endossando a ideia de que essa posição já teria sido dada pela natureza. O mesmo autor alerta para a constatação do baixo índice de desenvolvimento humano nos países em que existe maior desigualdade de gênero, como, por exemplo, Arábia Saudita, Iêmen e Síria.

Alguns dos direitos arduamente conquistados em algumas culturas e países foram perdidos em razão de retrocessos promovidos por ideologias políticas, como o que ocorreu no Irã na década de 80, com a ascensão ao poder do líder xiita Khomeini, que instituiu a obrigatoriedade do uso do véu para as mulheres, que, até a década anterior, vestiam-se como

as ocidentais. Assim, muitas meninas já nascem sem saber o que é liberdade. E acreditam ser normal e natural o modelo opressor ao qual estão submetidas, como ilustra a fala de uma indiana no documentário *Augusto Boal e o Teatro do Oprimido* de Zelito Viana, do ano de 2011: “*eu não sou oprimida não. Meu marido nunca me bate mais do que o necessário*”. Apesar da Índia não fazer parte do Oriente Médio, a frase poderia muito bem ser dita por muitas mulheres, não só no Oriente, quanto no Ocidente, o que denota a perversidade da opressão.

A religiosidade, portanto, tem grande responsabilidade “na criação e na consolidação da desigualdade entre homens e mulheres, predominante na cultura de quase todas as nações do mundo por muitos séculos” (BOTELHO, 2018, p.16). Por exemplo, na Arábia Saudita, país em que estado e religião estão totalmente imbricados, o “Corão lhes serve de guia em todos os aspectos da vida” (SASSON, 2009, p. 221).

Levando em consideração as religiões que predominam no Oriente Médio, buscar-se-á apresentar algumas evidências que constam em seus livros sagrados, a saber: do Islã, o Alcorão (Corão); do Judaísmo: a Torá (cinco primeiros livros da Bíblia hebraica) e o Talmude (livro das tradições morais e da doutrina judaica).

### 2.2.1 O que diz o Alcorão

Antes da apresentação de como surgiu o livro sagrado do Islã, algumas informações se tornam prementes.

Considerando que o Corão é, originariamente, intraduzível, já que suas Suras – capítulos do livro – devem ser recitadas em árabe, as interpretações propostas por Sasson (2009) podem, em algum grau, ser contestadas por alguns grupos religiosos ou estudiosos. Mas preferiu-se aqui lhe dar o crédito, já que as citações selecionadas pela escritora foram lidas em árabe e traduzidas por mulheres árabes em conversas pessoais que aconteceram ao longo dos dez anos em que a autora esteve na Arábia Saudita. Independentemente da interpretação, priorizou-se, neste trabalho, citar os versículos diretamente do texto sagrado.

O Alcorão teria sido revelado ao profeta Maomé ao longo dos últimos vinte e três anos de sua vida. Para os muçulmanos, cada Sura ou Surata fora revelada por *Allah* ou Alá, representando, assim, a fiel palavra de Deus.

O mundo àquela época, dividido basicamente entre os impérios bizantino e persa, vivia conflitos de ordem religiosa, política, econômica e social, que provocaram muita revolta, miséria e insatisfação em seus povos. Na península arábica, região de nascimento do

Profeta, os poderes estavam divididos entre os romanos e os persas. As lutas constantes entre esses impérios tiveram como consequência, além dos conflitos citados anteriormente, o surgimento de diversas seitas. Chackur (1974) relata que, nesse caos, surge Mohammad (Maomé), com o Alcorão,

pregando a adoração a um Deus único, o respeito ao ser humano, a valorização do pensamento e da mente, auspiciando uma nova ética, que elevaria o valor humano, negando as obscenidades e as imoralidades, injungindo a relação do homem com sua comunidade e com o seu Senhor. E durante os vinte e três anos da vida missionária do Profeta, o alcorão foi um guia para os costumes, para o comportamento e para o caráter da sociedade, resolvendo-lhe os problemas religiosos, sociais, econômicos e culturais. Ele foi e continua sendo a luz orientadora, o Livro da Vida, o código da existência do povo islâmico, que sob tal sublime luz caminha. (CHACKUR, 1974, p.11)

O Alcorão, portanto, promoveu a identidade e a unidade de um povo, que adotou o Islã como religião. A primeira revelação ao Profeta aconteceu no mês do Ramadã, em agosto de 610 (E.C) pelo anjo Gabriel, como conta a tradição islâmica e cada versículo teria sido “registrado por escribas em pedaços de couro, folhas de tamareira e em pedras polidas” (CHACKUR, 1974, p.13).

Assim, desde o século VIII da era cristã, o Alcorão tem servido como referência religiosa, política e comportamental para seus súditos. Inclusive há uma Sura dedicada às mulheres, a Sura IV – *An Nissá*.

A questão do corpo é central na vida dos muçulmanos, tanto para homens, quanto para mulheres. Antes das cinco orações a serem realizadas por todos os fiéis ao longo do dia, a ablução – um ritual de limpeza obrigatório – existem passos a serem seguidos para a verdadeira purificação.

No caso da mulher, alguns versículos do livro sagrado apresentam a obrigatoriedade da limpeza, mas também dá a impressão de que fenômenos naturais como a menstruação ou o sangue no parto são impuros, o que coloca a mulher numa posição de suja, de pecado e de contaminação, como o que diz a Sura II, 222:

Consultar-te-ão acerca da menstruação; Dize-lhes: é uma impureza. Abstende-vos, pois, das mulheres durante a menstruação e não vos acerqueis delas até que se purifiquem; quando estiverem purificadas, aproximai-vos então delas, como *Allah* vos tem disposto, porque Ele estima os que se arrependem e cuidam da Purificação.

E como menciona Sasson (2009), na sura 43 encontra-se:

Caso você tenha tido contato com mulheres, e não consiga encontrar água, então pegue um punhado de areia do chão, e esfregue com ela seu rosto e suas mãos.

Do dicionário Michaelis, purificação significa “ato ou efeito de purificar-se; redenção dos pecados”. A menstruação então tem um sentido de impureza, que contamina a mulher e a quem com ela se relacionar.

Outras Suras denotam a iniquidade de direitos e deveres entre homens e mulheres, especialmente por esboçar a superioridade masculina sobre o feminino:

As divorciadas aguardarão três menstruações e, se creem em *Allah* e no Dia do Juízo Final, não deverão ocultar o que *Allah* criou em suas entranhas. E seus esposos têm mais direito de readmiti-las, se desejarem a reconciliação, porque elas têm direitos equivalentes aos seus deveres, embora os homens tenham um grau a mais sobre elas, porquanto *Allah* é Poderoso, Prudentíssimo. (Sura II, 228)

Até mesmo sob a perspectiva econômica, a soberania masculina é expressa, como na Sura IV, versículo 2: “*Allah* vos prescreve acerca da herança dos vossos filhos: Dai ao varão a parte de duas filhas”.

Mas nenhuma outra orientação corânica é tão explícita à menos valia da mulher do que aquelas que se referem aos crimes de adultério:

Quanto àquelas, dentre vossas mulheres, que tenham incorrido em adultério, apela para quatro testemunhas, dentre os vossos e, se estas o confirmarem, confinai-as em suas casas, até que lhes chegue a morte ou que *Allah* lhes trace um novo destino. (SURA IV: 15)

Contudo, o peso do castigo não é o mesmo com relação aos homens, pelo menos não na versão apresentada por Sasson (2009), em comparação com a versão corânica traduzida para o português por Hayek. Seguem as versões de ambos:

Se dois homens, entre vocês, forem culpados de luxúria, castigue ambos. Se eles se arrependem e se corrigirem, deixe-os em paz. (Sura IV: 16 – SASSON, 2009)

E àqueles, dentre vós, que o cometerem (homens e mulheres), puni-os; porém, caso se arrependam e se corrijam, deixai-os tranquilos, porque Deus é Remissório, Misericordiosíssimo (SURA IV: 16 – HAYEK)

Observa-se que, na versão em português, é inserida entre parênteses as palavras homens e mulheres. O que dá a entender que se trate de uma interpretação dada pelo tradutor, especialmente por não se ter encontrado, em algumas versões estrangeiras, os termos citados

entre parênteses, como na versão italiana disponibilizado na internet pelo Centro di Cultura Islamica, que profere: “E se dois de vocês devem cometer infâmia, puni-los; se eles se arreperderem, deixe-os em paz. Allah é perdoador, misericordioso.”

Na versão apresentada por Botelho (2018), aparecem os termos infrator e infratora. Apesar disso, o autor entende que basta haver um homem envolvido na situação para que a pena se torne mais branda, denotando benevolência maior de *Allah* com relação ao homem.

Por fim, destacam-se, a seguir, os versículos que se referem à obrigatoriedade de as mulheres cobrirem seus rostos quando estiverem em contato com homens que não sejam de sua família.

Dize às crentes que recatem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atrativos, a não ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às mulheres suas servas, seus criados isentos das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres; que não agitem os seus pés, para que não chamem à atenção sobre seus atrativos ocultos (SURA XXIV: 31)

Ressalta-se que, apesar da desvalorização da mulher não ser exclusividade do universo islâmico, Masi (2013) endossa o pensamento de Botelho (2018), ao constatar que

é necessário reconhecer que esse mundo representa hoje o atraso mais tenaz de um machismo radicado em um inconsciente sexo fóbico que exige a sua justificação, e a obtém na religião islâmica. (MASI, 2013, p. 4409)

O Alcorão, portanto, traz muitas orientações práticas para a conduta social em geral. Mas também na Torá e em outros textos sagrados judaicos, como o Talmude, são encontrados ensinamentos, discussões éticas e costumes que embasam a forma de se relacionar e viver do povo judeu, especialmente nas comunidades ultraortodoxas, como as hassídicas.

### 2.2.2 *O que dizem os livros sagrados judaicos*

Na cultura judaica, muitos são os exemplos que demonstram a discriminação e a subjugação da mulher. Essa situação tem se modificado nos últimos tempos, em virtude de movimentos feministas, mas tradicionalmente é esse o quadro. O fato é que, como denuncia Botelho (2018), o Talmude, em especial, é considerado por muitas um monumento à submissão da mulher.

Um filho varão é sempre mais comemorado, festejado e desejado do que uma filha; as mulheres não participam do *Mitzvoh* – mandamento de estudo da Torá –, pois, para os judeus, elas não seriam capazes de uma experiência com o divino. Mulheres não são aceitas como

testemunhas nos tribunais tradicionais e Israel conserva esse sistema de lei religiosa até os dias atuais; a menstruação é um tabu, e como no islã, no período menstrual, elas são consideradas impuras; seus cabelos incitam à sexualidade, daí a necessidade de cobri-los. Em versos bíblicos há orientações de como devem ser tratadas em casos de estupro e de violação da virgindade: neste, apedrejadas até a morte e naquele, obrigadas a se casarem com os agressores.

Botelho (2018) relata orações judaicas que, dentre os vários agradecimentos feitos pelos judeus, inclui-se: “Abençoada seja Tu, Senhor nosso Deus, rei do universo, que não me fez nascer uma mulher”. Sendo essa última retirada das recitações diárias mais recentemente, em virtude da pressão de movimentos feministas judaicos.

Mas quais princípios bíblicos e talmúdicos têm fundamentado a segregação feminina?

É no primeiro livro da Bíblia, o Gênesis, que constam as primeiras evidências.

Da versão hebraica:

II.18 - Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora que lhe seja idônea. II.22 e da costela que o senhor Deus lhe tomara, formou a mulher e a trouxe ao homem. II.23 Então disse o homem: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; ela será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada.

Chama a atenção o fato de Deus ter criado o Homem a partir do pó da terra e a mulher, da sua costela, para preencher a solidão de Adão. Destaca-se que todos os animais foram criados antes de Eva. Além de sua relativa pouca importância, já que foi a última a ser criada, a passagem bíblica parece traçar o seu destino de subserviência ao Homem.

Oz & Salsberger (2012, p.85) pontuam que

pode-se dizer que houve mais de um autor bíblico em ação, forçando visões diferentes para o equilíbrio homem-e-mulher. Até que um dia, sabe-se lá, um editor cansado deve ter resolvido, vamos deixar as duas histórias e que o leitor escolha a versão melhor ou explique e dê fim à discrepância.

Na prática cotidiana, a discrepância parece ter prevalecido até agora.

A passagem, na qual se descreve que eles teriam comido da árvore do conhecimento, citada na abertura desse capítulo, aponta a mulher como responsável por conduzir o homem ao pecado. Soa estranho e, ao mesmo tempo, risível, alguém com tamanha insignificância ser tão inteligente e astuta ao ponto de enganar Adão. Mas o fato leva a mulher a um eterno castigo: “Multiplicarei os sofrimentos de teu parto, darás à luz com dor: teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio” (Gênesis, 03:16). Botelho (2018) torna o quadro mais cômico ao chamar a atenção para a onisciência de Deus nesse caso. Como Ele não poderia ter previsto que, no futuro, haveria anestésias e partos cesarianos?

Outros versículos e capítulos demonstram o menor apreço pela mulher, como em Gênesis: 19: 5-8, quando Ló oferece suas filhas virgens aos bandidos, a fim de evitar que estes violentassem dois anjos que ele abrigava em sua casa. Apesar de a oferta não ter sido necessária, já que os anjos conseguiram se desvencilhar dos bandidos, fica explícito, nessa cena, o valor do patriarcado.

No Talmude, é possível encontrar a contraindicação do ensino às mulheres. Como aponta Botelho (2018) *apud* Baskin (1985, p, 11) “melhor que as palavras da Torá sejam queimadas do que dadas às mulheres”. Isso sem contar a lei do Levirato, que obrigava a mulher a se casar com seu cunhado após a morte de seu marido, gostasse dele ou não.

Em várias outras passagens bíblicas, é possível encontrar indícios da discriminação da mulher. Não seria possível citar todas aqui, já que o estudo proposto neste trabalho não tem como foco o estudo religioso, mas apenas sinalizar o quanto os fundamentos da fé têm respaldado a diferenciação entre os gêneros masculino e feminino.

### *2.2.3 O que se encontra na literatura secular*

Enquanto os textos sagrados apresentam a fundamentação filosófica que embasa a cultura, os valores culturais e religiosos no Oriente Médio, a literatura secular aqui apresentada segue na direção de compreender a vida prática de seus habitantes, notadamente, das mulheres. Nos textos encontrados, percebe-se claramente o quanto fé, Estado e hábitos comportamentais estão imbricados. Estado laico no Oriente Médio é algo praticamente inexistente.

A riqueza, especialmente advinda do petróleo, coloca seus países em manchete constante nos meios de comunicação. Suas reservas de petróleo são ainda bastante significativas e qualquer abalo naquela região reflete imediatamente na economia do planeta.

Ainda que desconsiderando valores como democracia e liberdade, o Oriente Médio construiu, ao longo de sua história, muitos outros valores de que o Ocidente carece de aprendizagem, tais como exemplifica Masi (2013): o sentido de coletividade, respeito aos mais velhos, preponderância da estabilidade econômica e da segurança de suas comunidades.

Contudo, no que se refere à mulher, ainda é um lugar muito insalubre, quando não perigoso, pois a violência, a desconsideração e a desvalia começam dentro de casa. É um universo difícil para quem nasce do sexo feminino, como é possível constatar na literatura a seguir.

### 2.2.3.1. *Nove partes do desejo: o mundo secreto das mulheres islâmicas*

Durante os seis anos em que estive no Oriente Médio cobrindo conflitos e guerras, a correspondente Brooks teve a oportunidade de entrar em contato com diversas mulheres, dentre elas, colegas jornalistas iranianas e a própria esposa de Khomeini, o líder Xiita, falecido em 1989. Ela pode sentir na pele a discriminação contra a mulher em diversas ocasiões, como também aprendeu que uma das palavras utilizadas para mulher era *hormah*, que tanto significa sagrado, quanto pecaminoso.

Brooks (2002) inicia o relato de sua experiência descrevendo um pouco sobre a personalidade do líder Maomé, no qual é possível conhecer diversas curiosidades sobre a vida do Profeta, que denotam, em alguma medida, a incongruência entre o que ele pregava e as suas práticas, como também, o protagonismo de sua primeira esposa na criação da fé islâmica.

Segundo a autora, o profeta adorava as mulheres e parecia ser um líder muito carismático, tinha um belo sorriso e era muito vaidoso: “gostava de cuidar da aparência, perfumando a barba e escovando os dentes pelo menos cinco vezes ao dia” (BROOKS, 2002, p. 104).

O pedido de casamento partiu da viúva Khadija, rica negociante, dez anos mais velha que ele, um sujeito analfabeto e pobre. Ela o teria contratado para gerenciar seus negócios. Quando ouviu pela primeira vez a voz do anjo Gabriel, Maomé teria se arrastado aos pés da esposa, que o tranquilizou e o convenceu a abraçar a nova religião, o Islã, que significa, submissão.

Khadija foi sua esposa durante 34 anos. Somente após sua morte ele começou a receber “instruções” a respeito da conduta das mulheres. Ela nunca usou véu, nem foi confinada e, já que era ela quem pagava as contas do Profeta, no mínimo acharia estranho ouvir Maomé proclamar que

os homens comandam as mulheres, porque Deus fez com que um prevaleça sobre o outro e porque eles gastam de sua propriedade para sustentá-las (BROOKS, 2002, p.16).

No meio a tantas guerras e conflitos, Maomé, com o intuito de proteger as muitas viúvas, declara ter recebido a revelação de que os homens poderiam tomar até quatro mulheres, caso conseguisse sustentá-las.

E claro, começaria com o Profeta, que inclusive extrapolou o número de esposas definido na revelação. Segundo Brooks (2002), muitos dos casamentos de Maomé teriam como justificativa as alianças que ele fez com diversos clãs, promovendo rápida expansão do islamismo.

Com tantas esposas, o conflito, a intriga e o ciúme não tardariam a chegar. Com isso, ele recebe outra revelação: as mulheres deveriam ser confinadas e deveriam se cobrir quando saíssem de casa. Comportamento este que passou a ser adotado por todos os fiéis. Corroborando a informação,

o próprio *hijab* foi imposto pelo Profeta às suas mulheres, conforme o conselho de Alá, para torná-las irreconhecíveis e para poupá-las das abordagens libidinosas dos idólatras (MASI, 2013, versão para Kindle, localização 4440).

A contradição é que muitas daquelas mulheres que se tornaram confinadas, “havia sido enfermeiras no campo de batalha, outras tinham pregado a nova fé na mesquita” (BROOKS, 2002, p.17).

Fatos curiosos são fatos na vida de Maomé. Alguns soam bastante estranhos aos ouvidos de quem não professa a fé, como no caso do casamento de Maomé com uma de suas esposas, a Zeinab.

Maomé, insatisfeito com a persistente presença de convidados em sua festa de casamento, aproxima-se dos presentes e relata ter recebido uma revelação de *Allah*. Brooks (2002) narra assim a enunciação:

Ó crentes! Não entreis na residência do profeta para uma refeição sem esperardes o momento adequado, a menos que vos seja dada a autorização. Mas, se fordes convidados, entrai e, quando a refeição terminar, dispersai. Não demoreis com conversas. (...) E quando pedirdes qualquer coisa às suas mulheres, pedi detrás de uma cortina (*hijab*). Isso será mais puro para os vossos corações e para os corações delas. (Brooks, 2002, p.109)

Discorrendo a respeito, a jornalista ironiza: “fica difícil ver Deus se preocupando com pequenos assuntos de etiqueta” (Brooks, 2002, p.109).

Importa que algo, que tenha surgido para atender a uma demanda exclusiva do profeta, que já era bastante assediado à época, tenha emergido na comunidade de fiéis como uma regra a ser cumprida por todas as mulheres muçulmanas.

Recorda-se que, antes da instituição do véu, muitas nobres mulheres assírias usavam o véu como símbolo de *status* e a sua segregação era um hábito comum dos persas, não dos árabes. Teria, assim, Maomé se inspirado em tradições de outras culturas? Provavelmente.

Outro fato curioso é que Fátima, filha de Maomé, esposa do autor da citação que abre este capítulo, teria sido “a ponta de lança de uma luta pelo poder depois da morte do profeta” (BROOKS, 2002, p.18). O protagonismo de Fátima no desenvolvimento do islamismo, após a morte do Profeta, contraria toda a história posterior de submissão e segregação do sexo “frágil”.

As incoerências são muitas, mas retornando à experiência de Brooks, a sua curiosidade se desperta para a investigação sobre o universo feminino a partir de um fato isolado.

Brooks dividia a casa com uma colega de profissão. Certa manhã, ela depara com sua amiga vestida como uma egípcia muçulmana tradicional. Ela teria adotado, a partir daquele dia, o *hijab* e, assim, destituído-se de suas maquiagens, de sua liberdade; aceitado que seu testemunho valeria a metade do testemunho de um homem que receberia a metade da herança de seu irmão e que poderia apanhar de seu marido, caso assim ele o quisesse e, ainda, que ficaria confinada ao espaço doméstico. Qual a resposta para tamanho retrocesso? Em resposta, ela declamava o *slogan* da Jihad Islâmica e da Irmandade muçulmana: “*é o islã*”. (BROOKS, 2002, p.21).

A adoção do novo estilo de vida instiga a jornalista ao aprofundamento do que é ser mulher, especialmente para mulheres como sua amiga, que conheceram a liberdade, a autonomia, a independência e empreenderam uma luta contra a submissão e os valores ocidentais. A direção contrária se faz em defesa da *Jihad* – luta islâmica em defesa da fé contra os infiéis e seus costumes.

Como endossa Masi, (2013), o sexismo é, portanto, justificado pela cultura islâmica, já que o respeito à diversidade está associado a tudo o que os muçulmanos condenam no ocidente: a liberdade, a democracia, o livre pensamento e, principalmente, o individualismo. Daí o radicalismo e a manutenção de valores tão arcaicos.

A partir desse evento, então, Brooks sai em busca de conhecer o que são, como vivem e como pensam as mulheres muçulmanas. Como resultado dessa busca, ela encontra respostas como também encontradas na história da princesa Sultana.

#### **2.2.3.2. Princesa: a história real da vida das mulheres árabes**

Narrado na primeira pessoa, a história de Sultana, nome fictício criado pela escritora Jean P. Sasson, conta a vida real de uma princesa saudita, com a qual a autora teria convivido durante uma década. Por questões de segurança, o romance não relata o nome real da personagem principal. Cumpre informar que, de uma mesma árvore genealógica, os reis e príncipes sauditas podem se casar com muitas mulheres. Assim, muitas são as princesas, o que dificulta a identificação da protagonista. Para preservar ainda mais a identidade de Sultana, alguns eventos foram excluídos e nome trocados.

Na introdução já se tem ideia do que o leitor encontrará pela frente, demonstrando a angústia do que é ser mulher na Arábia Saudita:

Eu nasci livre, embora agora me encontre acorrentada. Ainda que invisíveis, as correntes me foram colocadas sem eu sentir, e passaram despercebidas até que a idade da razão reduziu minha vida a estreito segmento do medo (SASSON, 2009. P. 13).

O título leva o leitor inicialmente à fantasia das belas histórias das Mil e Uma Noites. Mas dos belos e românticos casos de amor dos *sheiks* árabes, as histórias reais citadas no livro só têm de beleza os grandes castelos, os belos vestidos, as muitas e milionárias joias e lindos véus de suas princesas.

Chegou um caminhão carregado de pedras, descarregando-as numa grande pilha. O homem que lera a acusação comunicou à multidão que a execução deveria ter início. Omar contou que as pessoas na maioria homens, correram para pegar as pedras e começaram a atira-las na mulher. A condenada caiu no chão e seu corpo se contorcia em todas as direções. As pedras continuaram a atingi-la pelo que parecia um tempo interminável. A certos intervalos, as pedras paravam e um médico ia verificar o pulso da mulher. Depois de um período de quase duas horas, o médico finalmente declarou que ela estava morta e o apedrejamento cessou. (SASSON, 2009, p.156)

Apedrejamentos de mulheres por adultério não parecem compor cenas de filmes de princesas. Mas essa é a vida real de muitas mulheres árabes.

Claro que nem tudo acaba em tragédias como essas. Mas, mesmo depois das mulheres alcançarem o direito de dirigir um carro, fato ocorrido em junho 2018, conforme notícia publicada pelo portal de notícias do grupo Globo, G1, elas ainda não podem tirar passaporte sozinhas; viajar ao exterior ou para qualquer lugar sem a autorização escrita de seus respectivos maridos, irmãos ou pais; não podem casar-se por livre escolha e sequer podem abrir uma conta bancária.

Toda a modernidade estrutural conquistada pelos árabes não alcançou as mulheres, que à época dos relatos do livro, a saber, anos noventa, viviam submetidas ao controle rigoroso do *Mutawa* – polícia religiosa, temida até pelos nobres. Ressalta-se que o controle dessa polícia se estendia aos homens também e vem perdendo força nos últimos anos, desde o incêndio ocorrido em 2002 numa escola feminina em Meca, quando 15 meninas morreram. Elas teriam sido impedidas de serem resgatadas das chamas pelos *Mutaweens* (plural de *Mutawa*), porque não estavam vestidas adequadamente, conforme os preceitos religiosos por eles defendidos.

Retornando ao romance, Sasson (2009) apresenta várias das experiências vividas por Sultana, como o apedrejamento citado anteriormente. Segundo a protagonista, à mulher é atribuído todo o mal que acontece na vida de um homem; o controle da sexualidade feminina se justifica exclusivamente para preservação da honra masculina; desde crianças os meninos

são criados acreditando em sua supremacia e que as meninas e as mulheres só existem para lhes servir. Em certa ocasião, Sultana teria presenciado seu irmão, o preferido do pai, estuprar uma menina de oito anos. A personagem menciona que a oferta de meninas por famílias pobres em troca de dinheiro era muito comum naquele país.

O divórcio, então, é algo impossível para uma mulher. Após ser brutalmente violentada por seu marido, a irmã de Sultana, Sara, uma mulher linda, inteligente, desejosa por uma carreira profissional, teria tentado o suicídio. Depois das diversas investidas da mãe sobre o pai de Sultana, no intuito de salvar sua filha, é que este admite negociar com o genro o divórcio, que é concedido da forma tradicional prescrita pela lei saudita. O marido repete três vezes na frente de três testemunhas, obviamente, masculinas, a frase: “Eu me divorcio de você”.

Masi (2002), menciona que

segundo as regras do islã ortodoxo, as mulheres devem ser monogâmicas e podem se casar apenas com muçulmanos; a poligamia é reservada aos homens, que podem ter ao mesmo tempo até quatro mulheres. O marido pode repudiar a mulher quando quiser; a mulher pode deixá-lo apenas em poucos casos bem específicos. O adultério feminino é punido com penas que, ainda hoje, em algumas regiões, chegam à morte. (MASI, 2002, versão para Kindle, localização 4377)

Em meio a várias histórias de submissão, circuncisões forçadas, violências sexuais, intimidações, sequestros, fugas, condenações à morte de mulheres árabes e estrangeiras, Sultana teve a “sorte” de se casar e viver feliz por muito tempo com o homem pelo qual se apaixonou. Tiveram filhos e anos de felicidade até que ele resolve ter mais uma esposa, mais jovem. Hábito comum, até mesmo de homens considerados modernos, que tiveram a oportunidade de viver fora de seu país, conhecer novos hábitos e costumes e se formar em uma grande universidade internacional, como foi o caso dele. Com a inversão de valores até então apresentados e o retrocesso no comportamento de seu esposo, Sultana chega a pensar que o mal é um gene que habita todos os homens árabes.

Sasson conclui que

a princesa feminista, forçou-me a enxergar a verdade. Ainda que fosse verdade que existe muita coisa de bom na Arábia Saudita, a vida não poderia ser comemorada nesta sociedade enquanto as mulheres não tivessem a liberdade de viver sem medo. (SASSON, 2002, p. 215)

O medo, sentimento recorrente e intenso vivenciado por muitas mulheres no Oriente Médio, promove também a resistência, como é possível se constatar em alguns filmes produzidos nos últimos anos. Alguns desses filmes, que têm como tema central a situação da

mulher naquele universo, foram selecionados para análise neste trabalho e serão apresentados e discutidos a seguir.

### 2.3 A condição da mulher no Oriente Médio sob a perspectiva da sétima arte

*“O cinema é um modo divino de contar a vida”  
Federico Fellini*

*“Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”  
Hannah Arendt*

*“Levante suas palavras, não sua voz. É a chuva que faz as flores crescerem. Não o trovão”  
Parwane em A ganha-pão*

As Mil e uma Noites (2015), um dos maiores clássicos da literatura, conta a história de um Sultão que, revoltado com a traição de sua sultana, decide assassinar todas as suas esposas após a noite de núpcias. Seus súditos, aterrorizados com a decisão do rei, temiam que suas filhas fossem as escolhidas. Desejando acabar com esse sofrimento, Scherazade, a filha do ministro que cumpria a ordem de assassinar as noivas, tem a ideia de se casar com o Sultão, pois acreditava que contando suas histórias, impediria a morte de outras mulheres. Assim, a cada noite, Scherazade iniciava uma história e, curioso com o desenrolar dos próximos capítulos, o Sultão mantinha sua rainha viva.

Nas mil e uma noites, os contos de Scherazade tinham a intenção de distrair o rei, mas as histórias narradas nos filmes selecionados para análise neste capítulo não têm esse objetivo, nem por isso são menos encantadoras. Tem algo de divino, como cita Fellini, por tornar possível ao espectador se sensibilizar, refletir e se empatizar com o relato de vidas projetadas no cinema.

Histórias de sofrimento, de medo e também de coragem de muitas mulheres em resistir às condições que lhe são impostas na realidade cotidiana do Oriente Médio serão contadas a partir de agora.

#### 2.3.1 A ganha-pão e Cairo 678

A empreitada em busca de uma vida autêntica tem sido árdua para as mulheres, especialmente nos países árabes. Por vezes, consideradas seres inferiores, meninas, jovens e adultas têm se submetido às regras e ao rigor de leis machistas e patriarcais. Entretanto, como seres-de-abertura, algumas têm conseguido se fazer ouvir. Parwane, personagem principal da animação A ganha-pão (2018) e as mulheres vítimas de abuso sexual apresentadas no filme Cairo 678 (2010), à sua maneira, foram capazes de garantir uma forma de existência genuína,

mesmo que, paradoxalmente, tenham escolhido, como possibilidade, a negação do corpo feminino.

A protagonista do filme de animação é Parwane, uma criança afegã de 11 anos, filha de uma escritora e de um professor. Todos sobreviventes em um Afeganistão vítima de invasões de vários outros países, como Rússia, Inglaterra e Estados Unidos. Na emergência de proteger o território, assume o poder o Movimento Nacionalista Islâmico, o Talibã: regime autoritário, que impõe várias regras a toda a sociedade daquele país. As mulheres ficam proibidas de frequentar escolas e são obrigadas a usar a burca, vestimenta que cobre todo o corpo, exceto os olhos.

Parwane é uma exceção. Pela instrução que teve em casa, é capaz de ler e escrever, e ajudar o pai a vender objetos numa feira livre. Em determinado momento, o pai é preso por um ex-aluno, soldado do grupo fundamentalista, na feira em que trabalha por motivo fútil. Reflexos de um regime ditatorial.

Mediante a situação, a menina se vê como a única possibilidade de sobrevivência de sua família, que é constituída, além dela e de seus pais, de uma irmã mais velha e um bebê.

Embora o trabalho seja proibido às mulheres, resta à Parwane trabalhar. Sendo ainda criança, torna-se fácil se travestir de menino. Ela corta o cabelo e sai diariamente à procura de trabalhos avulsos, os mais simples e variados possíveis com o objetivo de conseguir alimentar a própria família.

A situação de Parwane nos leva a refletir sobre a liberdade, palavra feminina, concepção existencial do homem. Diz a lenda que havia uma tribo na África para a qual a palavra liberdade não existia. Não havia o conceito, o termo, a expressão, pois não existia o seu contrário. Todos eram livres. Na maioria dos dicionários, o conceito de liberdade está associado à autonomia de agir, pensar conforme nosso próprio arbítrio, desde que não sobrepujamos a liberdade de outrem. Para Heidegger, o conceito de liberdade transcende a questão da vontade e da ação. Como cita LOPES (2016, n.p.), “em Heidegger a liberdade foi tratada diretamente como o campo de sentido em que se dão os modos de ser responsáveis pela significatividade da experiência de entes em geral”. E Andrade Júnior (2010), ressalta que

a partir do pensamento de Heidegger, pode-se, portanto, classificar a autonomia em seu pensamento como negativa e positiva. A autonomia negativa implica na capacidade humana de não se enveredar à vida mundana, na inautenticidade, numa existência que se mata diariamente pelo medo da morte. A autonomia positiva consiste, por sua vez, na capacidade do *dasein* de experimentar vida autêntica. (ANDRADE JÚNIOR, 2010, n.p.)

Que vida autêntica é possível para Parwane? O medo da morte certamente é o que mais se presentifica em sua existência, mas, ao experimentar uma alternativa ousada para a sobrevivência, a protagonista tenta transcender as possibilidades que lhe são impostas, mesmo que isso signifique deixar de ser mulher para continuar existindo em um país em que a liberdade é direito só dos homens. Como ser-de-abertura, o não-ser-mulher passa a ser a sua condição de ser.

O que farei de mim nas interpelações da vida? É o questionamento que muito precocemente é posto na vida de Parwane. Ela não se intimida mediante tamanha inquietação e sofrimento. E, sim, busca alternativas que apontam o quanto os seres humanos são instigados pelo futuro.

Quando, diante de inquietudes, o homem não se coloca uma pergunta e um projeto, ou seja, quando ele vivencia os limites como fim e fracasso, e não como possibilidade de inícios, sua pressa em ficar livre das inquietudes o fará vivenciar o temor paralisante do nada, da loucura e da morte (MAGNABOSCO, 2017, p. 32).

Mas é com reflexão, atitude, calma, persistência e pela necessidade que Parwane vai em busca da liberdade de seu pai e de sua própria liberdade. Ressalta-se que a condição imposta pelo regime talibã e por qualquer outro regime totalitário afeta a todos os que se opõem às suas ideias e preceitos, sejam homens ou mulheres. E mediante o sofrimento de toda uma família, a coragem, a astúcia e o desejo de mudança partiram de uma menina.

Obviamente a história dessa animação retrata uma fantasia e, como dissertado no capítulo dois, o que tem de sintonia com a realidade das pessoas que vivem em culturas como a apresentada no filme é a angústia, a limitação e o sofrimento, especialmente de quem é do sexo feminino, que tem de se travestir de homem para conseguir minimamente sobreviver.

É também com planejamento e determinação que três mulheres vítimas de abusos sexuais no Egito vão em busca do direito de ir e vir sem serem importunadas e abusadas. Em *Cairo 678*, filme de 2010 baseado em fatos reais, essas três mulheres descobrem uma maneira inusitada de punir ou tentar impedir o abuso nas vias públicas, especialmente nos ônibus. As vestimentas tradicionais femininas islâmicas não são obrigatórias no Egito, mas é mais seguro que a mulher use pelo menos o véu, tendo em vista a cultura e a religião daquele país, que acredita estar assim preservando a dignidade da mulher e a protegendo de ser possuída por estranhos. Mas, mesmo usando as vestimentas – os *hijabs*, véus, *abayas* – e estando tão cobertas, elas continuam sendo molestadas. A sociedade e a própria justiça estão cegas para essas atitudes, praticamente consideradas normais.

Uma das protagonistas do filme foi molestada num estádio de futebol. Acompanhada por seu marido, num tumulto provocado pela festa da torcida, ela foi separada dele e violentada ali mesmo. A cena não é explícita, mas a simples insinuação já provoca medo, raiva e angústia em quem assiste. Sentimentos que se amplificam quando se percebe que seu marido, um homem inteligente, aparentemente mais aberto e não preso às convenções, não consegue lidar com o estupro de que a esposa havia sido vítima. A sensação que se tem é de que ela era a culpada. Fato é que o estupro é considerado uma desonra para o marido e para a família, fazendo com que muitos casos não sejam denunciados, se não, a maioria.

Outra personagem do filme é uma mulher humilde que, para ajudar a sustentar a família, trabalha e sofre diariamente o assédio de homens nos ônibus superlotados. Ela leva então um alfinete escondido em suas vestes, espeta e fere os homens que lhe assediam nos ônibus. Ironia do destino, certo dia, ela chega em casa e se dá conta de que seu marido estava ferido nas partes íntimas. Ele havia sido vítima de uma outra mulher que teve a mesma ideia. A terceira protagonista, após ser vítima de um assédio no meio da rua, decide processar o agressor e dar aulas de defesa pessoal para outras mulheres.

Alguns críticos de cinema apontam que *Cairo 678* excede na vitimização da mulher, para sensibilizar mais facilmente o espectador. Mas fato é que somente em 2014 uma emenda foi aprovada no Egito tornando o assédio sexual um crime. Dados da ONU apontam que mais de 99% (noventa e nove por cento) das mulheres acima de 18 anos, naquele país, foram vítimas de assédio sexual, inclusive à luz do dia, como denunciam vários meios de comunicação, como a reportagem publicada em junho de 2014 pela Opera Mundi.

Somente a criminalização não resolve um problema cultural de tanto tempo. Em 2011, gangues de homens estupraram mulheres nas manifestações ocorridas naquele ano, o que foi notícia constante nos jornais da época, como sinaliza Sophia Jones para o *Huffington Post*.

Durante e depois da revolução de 2011, gangues de estupradores nos protestos viraram manchete de jornal, mas os guardas também foram apontados como autores de violência sexual, incluindo testes de virgindade forçados e estupros na prisão. Este mês, a conhecida advogada de direitos humanos egípcia Eba Morayaf, que já foi da organização Humans Rights Watch, contou que um policial egípcio disse a ela que guardas do aeroporto do Cairo estavam ameaçando fazer greves depois de terem sido disciplinados a não assediar sexualmente turistas. (JONES, 2017, n.p.)

Parece que o filme não exagerou em nada.

O que há em comum entre a história de Parwane e dessas mulheres do filme *Cairo 678*? A negação do corpo feminino?

Não. Não apenas. É algo que está além disso.

Ser mulher traz consigo vários signos e significados e, numa cultura machista, tradicional, religiosa, parece que esse corpo se traduz em pecado. Pecado que deve ser negado e escondido. A sensação que se tem é que a mulher já nasce na condição de presa.

A análise de Magnabosco (2017) a respeito da psicopatologia histérica e hipocondríaca (distorções de imagem corporal) se aplica perfeitamente a essa crítica:

diversas mulheres possuem algumas semelhanças, tais como terem vivenciado – em contextos diferenciados – semelhantes proibições e interdições próprias da construção de um imaginário e representação da corporeidade feminina; (...) terem desenvolvido uma vergonha mesclada a um pudor e culpa por serem mulheres; terem aprendido o medo de se colocarem como sujeitos e cidadãs. (MAGNABOSCO, 2017, p. 62).

Relegado à invisibilidade, o corpo da mulher não busca apenas ficar livre da burca. O desafio de Parwane e das mulheres do Cairo é pela liberdade de ser simplesmente o que se quer ser. E essa guerra não precisa ser com armas, mas sim elevando as palavras, como fizeram as protagonistas de *A ganha-pão e Cairo 678* e também como também fazem as personagens de *A Pedra de paciência* e de *O sonho de Wadjda*.

### 2.3.2 *A Pedra de paciência e O sonho de Wadjda*

Do Diretor Atiq Rahimi, produzido pela França, Alemanha e Afeganistão, *A Pedra de paciência*, com duração de 103 minutos, é um filme baseado no livro Syngué Sabour, escrito pelo próprio diretor do filme. É uma história baseada na lenda persa, que diz da existência de uma pedra mágica. Quem a encontrasse poderia relatar todos os seus segredos para ela e quando a pedra explodisse, a pessoa se tornaria livre. O filme relata a história de uma mulher afegã, jovem, que tem que cuidar de seu marido, bem mais velho, um ex-guerrilheiro atingido por um tiro que lhe deixou vegetando sobre uma cama.

Numa cidade sitiada pelos conflitos de guerra, essa mulher fica sozinha com suas filhas e alguns vizinhos, quando todos os parentes do marido foram embora. A jovem esposa deixa as filhas com uma tia numa cidade próxima e volta para cuidar do marido, que mais se parece um morto-vivo. Apenas respira. Olhando inerte para o além, esse homem se torna para sua mulher uma pedra de paciência.

Como antes nunca houvera a possibilidade de falar sobre seus anseios, desejos, necessidades, em função de uma cultura que anula totalmente a existência da mulher, ela descobre, nesse momento e nessas circunstâncias, a possibilidade de contar sua história para o marido desfalecido.

Ao falar de si mesma, sem ser interrompida em nenhum momento, ela começa a descobrir-se. Fala de sua infância; de seus desencantos, das fantasias, sonhos e expectativas que tinha com relação ao casamento; de seus desejos e fantasias sexuais; de sua condição de mulher de um guerrilheiro. Seu relato transmite a concepção de que, naquele contexto, a mulher não passa de um objeto, que serve apenas como moeda de troca em casamentos, que trazem algum benefício financeiro para suas famílias de origem.

“Só um olhar sobre o passado pode nos levar a perguntar o que foi mesmo que aconteceu?” (CRITELLI, 2005, n.p.). É o que parece tentar descobrir a protagonista do filme.

É perceptível o prazer que ela começa a sentir quando consegue falar de si mesma. Mas também sente medo pelas descobertas que faz. Ela entra em conflito com a mulher que habita dentro de si e a cultura e fé muçulmanas, que condenam esse ser livre, autônomo, que pode escolher e decidir o próprio destino.

Em certo momento do filme, constrangida com seus pensamentos e ideias, sentindo-se uma pecadora, ela se pergunta: mas o que é que está acontecendo comigo? Ela veste o véu, ajoelha-se e começa a rezar para *Allah*. Como relata Dulce Critelli (2003):

(...) mudar não é simplesmente entrar num novo espaço, é habitá-lo. E habitar requer (...) despedir-se de hábitos familiares e permitir que novos se formem; estranhar seu próprio corpo e movimentos. (...) Certamente levará tempo para eu me sentir à vontade, o mesmo que para me reajustar a mim mesma. (CRITELLI, 2003, n.p.)

Contando sua história, ela forma e toma consciência de um mosaico de cores tristes e, ao mesmo tempo, de possibilidades, que antes não havia percebido. Por meio de *flashbacks*, ela relembra que, em sua infância, foi capaz de impedir um casamento indesejado, enfrentando, de forma bastante curiosa, inteligente e interessante, um pai viciado em jogo, como sua irmã mais velha, adolescente, não foi capaz de fazê-lo. Esta sucumbiu ao destino da maioria das mulheres que vivem nessas condições culturais: foi vendida a um homem muito mais velho que ela, em troca das dívidas de jogo do pai. Aqui se reproduz ato comum e consensual naquela cultura, a mulher e sua virgindade são produtos que valem, muitas vezes, a sobrevivência de suas famílias.

Mas, para toda opressão, existe um ato de resistência. A personagem principal relata para seu marido moribundo suas peripécias para engravidar, com o objetivo de não perder a condição de esposa e ser devolvida para a família. Ela traiu o marido e seus filhos não são filhos dele. Foi a forma que encontrou para driblar um destino que parecia traçado. Como explana Giovanetti, em aula ministrada em abril de 2018 no curso de pós-graduação em

Gestalt-terapia e Análise existencial, “uma das características da condição humana é a de ser livre” e parece ser essa condição que possibilitou a ela enfrentar e ultrapassar horizontes, a priori, tão bem definidos.

É interessante perceber como, em um contexto de guerra, de cenários e perspectivas tão limitados, ela consegue refletir sobre a própria existência. Em condições que só a levam a viver o que sua cultura anuncia, sem rumo, sem destino, ela descobre a liberdade de ser.

Essa descoberta só foi possível porque ela pode ouvir a si mesma. A situação de agonizante de seu marido permitiu que isso acontecesse. A personagem demonstra prazer em cuidar de sua “pedra de paciência”, pois, em toda a sua vida de casada, em momento algum, pode ser ouvida e pode se ouvir tão plenamente.

Não se escapa da própria história. Como aponta Critelli (2008), ela é o ponto de partida para se iniciar um novo caminho. Somente a partir da tomada de consciência sobre as possibilidades que se apresentam, é que se pode fazer escolhas próprias, para que o sujeito se torne dono de seu destino.

A cena final deixa o espectador com uma espécie de *Gestalt* aberta, pois não há um agir concreto que torne perceptível o seu desenrolar, o seu futuro. “A pedra de paciência”, o marido, acorda de seu estado vegetativo e tenta matá-la. Contudo, ela reverte o processo e o mata. O brilho no olhar da protagonista nessa cena deixa a impressão de que aquela mulher, outrora triste, reprimida e oprimida, descobriu condições de dar um novo sentido à sua vida. “[...] liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades” (CRITELLI, 2008, n.p.)

Repara-se que, ao longo dessa análise, em nenhum momento, o nome da protagonista apareceu. Ele não aparece porque ela não tem nome, poderia ser Aisha, Iasmin, Fatima, Aya, Zahra. Ela pode ser qualquer mulher árabe que anseia por sua liberdade, autonomia e autenticidade, como autêntica foi a protagonista de *O sonho de Wadjda*.

O início do filme já sinaliza um pouco da personalidade da personagem principal. De tênis, Wadjda destoa de suas quietas e normativas colegas de sala, todas calçadas com sapatos mais femininos. Ao rir de um comentário, Wadjda é castigada pela professora e, num sol escaldante, passa o resto da tarde de pé no pátio da escola.

Aliás, Wadjda encontra várias professoras oponentes a si, mas nenhuma é tão antagonica a ela quanto a diretora da escola, que funciona como fundo da figura que a personagem principal representa. Toda a sua sisudez, amargura e mal humor se contrapõem à alegria, determinação e coragem que Wadjda demonstra, mesmo quando advertida.

A gestora representa a austeridade que tenta manter os preceitos mais rigorosos da cultura daquela escola e daquele país. O riso e a voz femininos são controlados, como citado em determinada cena: “a voz da mulher é a sua nudez”. A sensação que dá é de uma vigília constante, da impossibilidade de sequer respirar com liberdade, o que confirma aqui alguns preceitos corânicos citados no capítulo anterior: o corpo tem importância ímpar na cultura islâmica.

Por que O sonho de Wadjda?

O filme se desenvolve no entorno do desejo da protagonista de ter uma bicicleta. Sonho malvisto, para uma menina, afinal a bicicleta pode romper o hímen – crença daquele povo –, item de valor inestimável para uma virgem a ser negociada num casamento. Aliás, é estimável. Ele tem valor na moeda local, Riais, mais precisamente.

Competitiva, Wadjda sonha ter sua própria bicicleta para correr e concorrer com seu melhor amigo. Uma vitória dela significa uma perda em dobro para seu colega, pois ela é “só” uma menina.

Sua mãe vive um dilema. Casada e apaixonada pelo marido, sente medo de ele comprar uma nova esposa, já que ela não lhe deu um filho homem. A redundância aqui se faz necessária.

A insistência para um outro casamento vem da própria sogra que, corroborando a cultura machista, acredita que a culpa de seu filho não ter um filho varão é da nora. Parece que os conhecimentos científicos a respeito da reprodução humana não chegaram àquela região.

O comportamento da sogra e da diretora da escola trazem em si uma contradição. Como mulheres que, em tese, deveriam lutar pela sua liberdade e autonomia, acabam reforçando os valores que sucumbem a mulher? Magnabosco (2017) responde que

as contradições discursivas e comportamentais das mulheres que lutam pela construção de outra subjetividade, que não a tutelada por alguém (pai), expressam a dificuldade de qualquer sujeito do feminino em desprender-se dos dualismos de gênero (MAGNABOSCO, 2017, p.82).

Mas Wadjda representa a inovação, a luta, a resistência.

Em uma reunião masculina em sua casa, seu pai, por sinal, carinhoso com a filha, coloca um desenho de uma árvore representando seus ancestrais e descendentes. O nome de Wadjda não consta na árvore genealógica, pois ela é “só” uma mulher. Não representa valor na descendência familiar. Rebelde, ela escreve seu nome na figura.

Aliás, Wadjda é pura inspiração de coragem e determinação. Ela faz tudo o que é proibido: anda de bicicleta; ouve músicas mundanas – rock-; vende pulseirinhas de time de futebol; serve de pombo correio para suas colegas e respectivos namorados; esconde as travessuras de colegas mais velhas. Mas tudo em troca de dinheiro. Ela é uma comerciante nata. Ela quer se capitalizar para poder comprar a bicicleta de seus sonhos. No início do filme, ela foi até uma loja e persuadiu o vendedor a não vender uma determinada bicicleta, e ainda a reservou para ela. Wadjda não depende de ninguém. Ela tem iniciativa, coragem, ousadia.

E com base em sua perspicácia, articulação e persuasão, ela convence a diretora a deixá-la participar do concurso de recitação do Alcorão. Ela demonstra um comportamento mais cordato e respeitoso, características admiradas pela administradora, que não desconfia que o desejo de Wadjda não é ser uma “boa” menina, mas sim ganhar o concurso e comprar, com o dinheiro do prêmio, a sua bicicleta.

Enfim, ela participa e ganha o concurso, para admiração de todos e orgulho da dirigente que acredita ter “dobrado” a menina rebelde.

Mas à Wadjda faltou um pouco mais de malícia. Ou faltou malícia ou sobrou vaidade e empolgação. Quando questionada sobre o que fará com o dinheiro, ela conta a verdade em pleno palco da escola. Todos riem, menos a diretora, que, do alto de seu poder, determina que o dinheiro será doado aos pobres irmãos de fé palestinos.

Revoltada e muito triste, Wadjda retorna para casa, mas, para sua surpresa, ela ganha a bicicleta da mãe, que a adquiriu com o dinheiro que guardava para comprar um belo vestido com o objetivo de encantar seu marido e evitar um novo casamento. Desejo que já não fazia sentido, uma vez que ele já havia arranjado uma nova esposa.

O Sonho de Wadjda se traduz também no sonho de sua mãe. Infeliz com a condição de ter que ser aquilo que a cultura lhe determina, ela estimula o sonho da filha de ser algo diferente. E, para isso, é preciso que ela lute pela conquista de sua liberdade, que não é o simples sinônimo de decisão. Ser livre implica diretamente o agir. “E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior” (CRITELLI, 2008, n.p.).

A bicicleta representa algo que transcende a ideia de um brinquedo. Ela significa a liberdade de ocupar espaços, ter atitudes, comportamentos e fazer escolhas que só são possíveis aos homens naquele contexto. E é num país próximo, com cultura, língua e história diferentes que o sonho de liberdade se faz presente na análise do último filme selecionado para este trabalho.

### 2.3.3. O Julgamento de Viviane Amsalem

“O cântico dos cânticos, está dito, que é de Salomão. É mesmo?” (OZ & OZ-SALBERGER, 2015, p.75)

Citando a abertura do quarto livro da Bíblia hebraica, Amós-oz e Fania Oz-Salberger (2015) iniciam o capítulo Mulheres vocais do livro Os judeus e as palavras. O questionamento dos autores se justifica por eles acreditarem que “a gramática hebraica é notoriamente chauvinista” e que “todo mundo sabe que a Bíblia e sua linguagem são profundamente patriarcais” (OZ & OZ-SALBERGER, 2015, p.75).

Para fundamentar sua tese, eles discorrem sobre as vozes de várias mulheres que se fizeram ouvir, que cantaram e tocaram tambores na Bíblia, mas que a cultura e língua hebraicas fazem questão de tentar calar.

Atualmente, algumas poderosas comunidades judaicas não desejam ouvir mulheres cantando nem no palco, nem em cerimônias civis ou militares, nem mesmo no chuveiro. Enquanto este livro está sendo escrito, um acalorado debate pega fogo em Israel acerca da exigência dos judeus ultraortodoxos de silenciar vozes femininas e apagar ou borrar imagens de mulheres na esfera pública. (...) A face, o corpo e especialmente a voz de uma mulher, nos dizem numerosos rabinos, pertencem ao âmbito do lar (OZ & OZ-SALBERGER, 2015, p.77).

Sufocada por essa mesma comunidade, é a voz de Viviane Amsalem que tenta se fazer ouvir.

Infeliz com o casamento, a protagonista passa, ao longo dos 116 minutos da película, tentando conseguir de seu marido o divórcio – *guet*, em hebraico: procedimento de separação instituído no Deuteronômio, XXIV.

Conforme o rabino Y. David Weitman afirma no site do Instituto Morashá de Cultura, em 1999 “no judaísmo, o divórcio é uma forma de D'us manifestar a Sua compreensão. Ele percebe que a situação está difícil, as pessoas estão sofrendo e o relacionamento não tem como continuar”.

Mas por que então é tão difícil para Viviane conseguir algo que está previsto nos preceitos sagrados de sua religião? Por que seu desejo não é ouvido?

Simplesmente porque o divórcio só pode ser conseguido quando o marido assim o deseja e confirma em alto e bom som no tribunal judaico que aceita se divorciar de sua mulher e lhe entrega o *guet*.

Ao consultar o termo “divórcio judaico” na internet, não é incomum encontrar “Por que a mulher casada deve receber o *guet*, documento judaico que atesta sua separação?” (Chabad site). A frase já denuncia que a mulher é quem recebe. Quem concede é o marido.

Mesmo estando separada, uma mulher judaica que não recebeu o *guet* é considerada adúltera e toda a geração dos filhos que tiver com um novo cônjuge carregará a pecha de ilegítima, não podendo pertencer à comunidade de sua fé.

Todas as cenas do filme se transcorrem num tribunal judaico. Viviane e seu advogado, Carmel, tentam, por longos cinco anos, fazer com que Elisha conceda o divórcio. O marido, resistente, apenas diz: “jamais, Viviane!”

Eles não conversam entre si, não têm relações sexuais há anos. Ela se casou com Elisha quando tinha apenas quinze anos e não imaginava que o casamento com um rabino lhe traria tantos dissabores. Dissabores que os juízes do tribunal não conseguem entender. “Ele é violento? Satisfaz suas necessidades? Tem algum defeito físico? Ele te ameaçou? Então, qual o motivo?” O simples fato de não mais o amar não é motivo plausível para uma separação para aquele tribunal de juízes ortodoxos.

O ódio e a ira de Viviane são explícitos o tempo todo, algo ressonante no olhar do marido, que, por amor, poder, orgulho ou algum capricho não lhe concede o divórcio.

A saga das audiências prossegue por longos anos, estando o marido ausente na maioria delas. Questionados pelo advogado de Viviane Amsalem por qual motivo não obrigam o marido a comparecer ao tribunal, os juízes respondem: todos queremos a harmonia do casal. E na ausência do marido ou em sua presença silenciosa, nas sucessivas e infrutíferas interpelações dos juízes ou no ato de silenciar Viviane ao longo das audiências é que o espectador sente a angústia da personagem. Um grito sufocado, que luta em vão.

Testemunhas são exigidas e obrigadas a comparecer ao tribunal para que os juízes possam decidir o caso. Fato contestado pelo advogado Carmel, pois, para ele, “não é um julgamento de um homicídio. É um divórcio”.

A primeira testemunha é o irmão de Viviane. Espera-se que a defesa, mas todo o seu discurso elogioso se volta para Elisha. Para ele, seu cunhado é um ótimo homem, “não bebe, não é mulherengo, não fuma, não joga nem na loteria, nunca bate em você, não gasta demais. Irmã, você tem tudo nas mãos!” “Ele nos encanta com sua bela voz. Quando ele canta na sinagoga, até os pássaros param para ouvir”. Com tantos confetes, a testemunha de Viviane se torna improdutiva para ela. “Era tudo o que eu precisava”, ironiza Viviane. O discurso de seu irmão sintomatiza os comportamentos que aquela comunidade aceita como valores. Os sentimentos de Viviane não contam.

E entre discursos e perguntas consideradas irrelevantes por não fiéis judaicos ortodoxos, como, por exemplo, se o advogado de Viviane é casado, se constituiu um lar; se a amiga de Viviane tem inveja dela; por quanto tempo Elisha ficou sem falar com outro fiel

com o qual ele brigou; que Viviane foi vista tomando um simples café com seu advogado – ato que se torna suspeito por aquele tribunal; e que o julgamento se desenrola como uma tragicomédia. Somente uma voz dissonante aparece no julgamento: a voz da irmã de Viviane. Ela grita que sua irmã merece ser feliz, não obstante o fato de considerar que “ser mulher divorciada neste país é uma merda”.

Cansada de tantas negativas e intempéries ocorridas nas audiências, Viviane solta os cabelos que estiveram presos ao longo de mais da metade do filme, o que provoca a ira dos juízes. “O que está fazendo Sra. Viviane? Prenda o cabelo!” Prenda o cabelo, em linguagem não literal também significa, cale-se, obedeça, submeta-se.

A saga, a aflição, a tortura sofrida por Viviane ecoa em quem assiste ao filme. É impossível não se envolver na história contada por Ronit Elkabetz, a bela atriz protagonista e diretora do filme, que morreu de câncer em 2015. Por meio de sua forte, sensível e instigante interpretação, Ronit, a nossa Scherazade, grita a liberdade que muitas mulheres desejam, anseiam e à qual aspiram em Israel e em vários lugares do mundo onde habitam comunidades que impõem à mulher papéis que ela não escolheu.

### **3 METODOLOGIA**

Em busca de respostas às demandas desse trabalho, entendeu-se como mais adequada a pesquisa qualitativa, utilizando-se como técnicas a pesquisa bibliográfica e de literatura e a análise de conteúdo.

Buscou-se por meio da pesquisa bibliográfica identificar trabalhos já realizados sobre o tema. Como apontam Lakatos e Marconi (2003), o objetivo desse tipo de pesquisa é

colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Contudo, não se tratava de uma repetição do que já foi produzido. A pesquisa bibliográfica permitiu uma nova percepção, um novo olhar sobre o objeto pesquisado, possibilitando novas interpretações e conclusões.

Com relação aos filmes selecionados e analisados nesse trabalho, compete ressaltar que não se teve a pretensão de pesquisar tudo o que já se produziu do ponto de vista cinematográfico sobre o tema, tendo em vista a grande quantidade de películas realizadas nos últimos anos com enredos relacionados ao assunto aqui pesquisado e o tempo exíguo para a sua realização.

Distinguindo pesquisa bibliográfica de pesquisa de literatura, Timbó (2012) relata que a primeira objetiva a resolução de um problema, enquanto a última, a partir das informações encontradas na primeira, permite ao pesquisador a descoberta de elementos que podem clarear o processo da pesquisa e melhor compreensão do problema a ser elucidado.

Quanto à análise de conteúdo, Lakatos e Marconi (2003) sinalizam que essa “permite a descrição sistemática, objetiva e quantitativa do conteúdo da comunicação”.

Finalmente, a escolha pela qualitativa se justificou, pois ela

(...) trabalha com o universo de significados motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO 2001 apud GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p.32)

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A vida das mulheres narrada na literatura pesquisada e nos filmes selecionados se apresentou à autora deste trabalho como sofrida, difícil e emocionante em muitos momentos. O fôlego quase lhe faltou em diversas situações, mas a vontade de conhecer mais sobre aquela realidade se tornou, para a autora, um desafio, que lhe trouxe expectativas, empatia com as histórias relatadas e o imenso prazer pelo conhecimento adquirido.

Houve ocasiões em que ler as histórias, como a de Sultana, e ver a reação de algumas das personagens dos filmes, um aperto no peito se lhe fez presente. Impossível se manter impassível diante da realidade cruel daquelas mulheres.

A curiosidade sobre o tema oportunizou, ainda, aprofundar o conceito e a melhor delimitação, nada consensual, do contexto geopolítico do Oriente Médio.

Com o relato de autores como Said, Amós Oz, Challita, pode-se concluir que não se deve tratar os países que compõem aquela parte do planeta como se constituíssem algo

homogêneo. São culturas, línguas e histórias que se construíram ao longo do tempo de forma muito distinta. Sendo a autora deste trabalho uma pessoa ocidental, é possível que vieses, distorções e preconceitos com relação ao oriente tenham sido cometidos ao longo do desenvolvimento desse trabalho, reflexo do que constitui o fenômeno denominado por Said (2007) de orientalismo, por mais fascínio, respeito e admiração que ela tenha por aquele universo.

Após a queda do império turco-otomano, muitos conflitos e lutas viveram os países do Oriente Médio, na busca da independência dos países colonizadores “herdeiros” daquela região, como França e Inglaterra. Mas a forma como isso aconteceu teve repercussões e consequências muito distintas em cada um. Quando se analisa a história daquela região, tem-se um mosaico digno de um lustre de Istambul, de infinitas cores, luzes e materiais.

Ressalta-se que não se poderia acreditar que este trabalho seria uma tarefa fácil. São séculos de história, como corroboram os achados arqueológicos, tendo ocorrido ali o início da civilização humana e onde, possivelmente, nasceu o patriarca das três maiores religiões do mundo: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Fato é que os conflitos bíblicos reverberam até os dias atuais.

A partir dos povos nômades mesopotâmicos; das invasões e constituições dos grandes impérios persa, babilônico, romano; das muitas diásporas judaicas; das cruzadas cristãs; do surgimento do islamismo e da ascensão e queda do império Otomano; da diáspora armênia, da descoberta do petróleo até às grandes guerras mundiais e suas consequências, muita história se passou por ali. Percebe-se que é preciso muito fôlego para entender a complexidade do contexto pesquisado.

Pode-se concluir que todos esses conflitos históricos tiveram como consequências o fundamentalismo religioso, o atraso educacional e científico e, especialmente, maior desigualdade de gênero. Apesar de ambos os sexos sofreram as consequências de sua história, as mulheres têm sido suas maiores vítimas.

Conhecer a realidade delas, naquela região, pode ser significativo para entender a situação da mulher em qualquer lugar do planeta.

Como observado nos filmes indicados e na literatura pesquisada, em alguns momentos, certas mulheres defendiam os preceitos que as mantinham aprisionadas, pois tem sido essa a linguagem que aprenderam. Qualquer desvio parece incorrer em erro, pois acredita-se que essa submissão é fruto da frágil natureza feminina, quando, em verdade, trata-se de um preceito cultural. A defesa de seus valores em contraposição à imposição ocidental, aliada aos fundamentos da fé, têm grande responsabilidade nessa situação.

Guardadas as devidas proporções e condições culturais, as mulheres ocidentais vivem circunstâncias similares, contudo numa aparente liberdade. Nas cidades brasileiras, mulheres são submetidas ou limitadas em seus comportamentos por discursos como “isso não é coisa de menina”; ganham menos que homens em funções similares; são criticadas, discriminadas quando são identificadas ou se apresentam como feministas; também são molestadas nos ônibus, nas estações do metrô; são vítimas de violência doméstica e, como se não fosse suficiente, os índices de feminicídios têm aumentado de forma vertiginosa nos últimos anos. Cumpre, portanto, ressaltar que a situação de submissão, discriminação e violência não é exclusividade das mulheres no Oriente Médio. Sugere-se, portanto, estudo posterior, que permita a comparação entre as duas realidades.

Conforme propaga a ONU (site ONU mulheres) as mulheres e meninas ao redor do mundo têm o direito a uma vida livre de discriminação, violência e pobreza, e de que a igualdade de gênero é um requisito central para se alcançar o desenvolvimento.

O reflexo disso, certamente, será a construção de uma sociedade melhor para todos.

Para tanto, fica, o exemplo de luta, determinação e coragem demonstrados por Viviane Amsalem, das meninas Wadjda e Parwane; das mulheres do Cairo e da voz que se anuncia na protagonista em *A pedra de paciência*.

Enfim, por que o universo feminino importa a todas as mulheres, sejam ocidentais ou orientais? Simplesmente porque

*“Esta moça sou eu. Ela é qualquer uma de nós. Aqui, todas lutamos por nossas vidas” (BROOKS, 2002, p.73).*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A GANHA-PÃO. Direção de Nora Twomey. Estados Unidos: Netflix, 2018. (93 min.), son.,color.

A PEDRA de paciência. Direção de Atiq Rahimi. França, Alemanha, Afeganistão: Imovision, 2014. 1 DVD (103 min.), son., color. Legendado.

ANDRADE JUNIOR, Gualter de Souza. A liberdade no pensamento de Heidegger e Gadamer. 2010 em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/DireitoSerro/article/view/1108/1090>

ARMSTRONG, Karen. **Jerusalém**: Uma cidade, três religiões. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AUGUSTO boal e o teatro do oprimido. Direção de Zelito Viana. Brasil, 2011. (62 min.) son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1L3-Wc305Gg>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

BBC (Brasil). Bbc. **Entenda a polêmica sobre o suposto "genocídio" armênio**. 2006. Disponível em:

<[https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/10/061012\\_armeniacontexto\\_is.shtm](https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/10/061012_armeniacontexto_is.shtm)>. Acesso em: 01 abr. 2019.

BÍBLIA HEBRAICA. Disponível em: <<http://www.judaismo-iberico.org/interlinear/tanakh/0101PT.HTM>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

BOTELHO, Octavio da Cunha. **A discriminação das mulheres pelas religiões**: Um estudo sobre a magnitude da culpa religiosa. São Paulo: AgBookBr, 2018. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=A8p5DwAAQBAJ&pg=PA264&lpg=PA264&dq=sura+IV+%C3%A1rabe&source=bl&ots=310AdnsxwD&sig=ACfU3U1iqsGiae9tRYOKIHOiXnv0q7BGUw&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiSrKLt9JDgAhWHKLkGHWIaAQsQ6AEwG3oECAkQAQ#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

BROOKS, Geraldine. **Nove partes do desejo**: o mundo secreto das mulheres islâmicas. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

CAIRO 678. Direção de Mohamed Diab. Egito: Imovision, 2010. 1 DVD (110 min), son., color.

CENTRO DI CULTURA ISLAMICA (Bologna) (Org.). **Corano in Italiano**: Sura IV. Disponível em: <[http://www.corano.it/corano\\_testo/4.htm](http://www.corano.it/corano_testo/4.htm)>. Acesso em: 14 mar. 2019.

CHABAD LUBAVITCH (Brasil). Chabad Lubavitch Headquarters. **Chabad.org em português**: Torá, judaísmo e informações judaicas. Sob os auspícios da Sede Mundial de Lubavitch. Disponível em: <[https://pt.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/1597062/jewish/Divrcio.htm](https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1597062/jewish/Divrcio.htm)>. Acesso em: 01 abr. 2019.

CHALLITA, Mansour Yousef. **Esse desconhecido oriente médio**. Rio de Janeiro: Revan, 1990.

CRITELLI, Dulce. **Entre o que “não é mais” e o que “não é ainda”**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq1905200501.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

CRITELLI, Dulce. **Morar, cuidar, ser**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq2905200313.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

CRITELLI, Dulce. **Propósitos e liberdade**. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq2401200803.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

EDUARDO DE FREITAS (Brasil). Bol-mundo Educação. **Oriente Médio**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/oriente-medio.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

EDUCABRAS.COM (Brasil). **Geografia do Oriente Médio**. Disponível em: <[https://www.educabras.com/vestibular/materia/geografia/continentes\\_e\\_paises/aulas/geografia\\_do\\_oriente\\_medio](https://www.educabras.com/vestibular/materia/geografia/continentes_e_paises/aulas/geografia_do_oriente_medio)>. Acesso em: 23 jan. 2019.

FRANCE PRESSE (França). **Termina proibição de mulheres de dirigir na Arábia Saudita**: Mundo G1. 2018. Publicado por G1 Portal de Notícias. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/termina-proibicao-de-mulheres-de-dirigir-na-arabia-saudita.ghtml>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira. "Oriente Médio"; **Brasil Escola**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/oriente-medio.htm> Acesso em 23 de janeiro de 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. 120 p.

HAYEK, Samir El. Introdução. In: HAYEK, Samir El. **Alcorão Sagrado**. Faib, 2012. Distribuição Gratuita.

JONES, Sophia. **Nova lei contra abuso sexual do Egito enfrenta problemas na polícia, que ainda culpa as vítimas**. Disponível em [https://www.huffpostbrasil.com/2014/05/13/nova-lei-contrabusossexual-do-egito-enfrenta-problemas-na-poli\\_a\\_21669155/](https://www.huffpostbrasil.com/2014/05/13/nova-lei-contrabusossexual-do-egito-enfrenta-problemas-na-poli_a_21669155/)

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, Marcelo Vieira. Heidegger: Metafísica e Liberdade. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, UFSM. Itapetininga, v. 3, n. 6, 2016

MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Outras palavras em psicopatologia**. BH: Ophicina de Arte & Prosa, 2017.

MASI, Domenico de. **O futuro chegou**. Brasil: Leya, 2013. Versão para Kindle.

O JULGAMENTO de Viviane Amsalem. Direção de Shlomi Elkabetz e Ronit Elkabetz. França: Imovision, 2015. 1 DVD (116 min), son., color.

O SONHO de Wadjda. Direção de Haifaa Al Mansour. Alemanha, Arábia Saudita: Imovision, 2013. 1 DVD (97 min), son., color.

ONU MULHERES (Brasília). ONU. **ONU Mulheres: Entidade das Nações Unidas Para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres**. 2010. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/onumulheres/>. Acesso em: 25 mar. 2019.

ORDEM JERRAHI NO BRASIL (São Paulo). Ordem Halveti-jerrahi (Comp.). **Guia Introductório às Devoções Islâmicas**. Disponível em: [http://www.masnavi.org/jerrahi/Oracao\\_Islamica/oracao\\_islamica.html](http://www.masnavi.org/jerrahi/Oracao_Islamica/oracao_islamica.html). Acesso em: 04 fev. 2019.

OZ, Amós; OZ-SALZBERGER, Fania. **Os judeus e as palavras**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

REDAÇÃO (São Paulo). Opera Mundi. **Egito aprova lei que transforma assédio sexual em crime**. 2014. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/noticia/35579/egito-aprova-lei-que-transforma-assedio-sexual-em-crime>. Acesso em: 01 abr. 2019.

REUTERS (Riad). **Meninas sauditas, sem véu, não são salvas e morrem em incêndio**. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u13170.shtml>. Acesso em: 01 abr. 2019. Publicado por Folha Online

SAID, Edward. **A questão da palestina**. São Paulo: Unesp, 2012

SAID, Edward. **Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 481 p. Versão para Kindle.

SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**: Da bíblia ao sionismo. São Paulo: Benvirá, 2011.

SANTOS, José Rodrigues dos. **O Homem de Constantinopla**. Lisboa: Gradiva, 2013.

SASSON, Jean P. **Princesa**: A história real da vida das mulheres árabes por trás de seus negros véus. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.

SILVA, Júlio César Lázaro da. Aspectos da População do Oriente Médio: Contextualização Político-Econômica. **Brasil Escola**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/aspectos-populacao-orientes-medio.htm> Acesso em 23 de janeiro de 2019.

SILVA, Thamires Olimpia. Criação dos estados do Oriente Médio. **Brasil Escola**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/criacao-dos-estados-orientes-medio.htm> . Acesso em 23 de janeiro de 2019.

TIMBÓ, Noeme Viana. **Manual para projeto de pesquisa**: Segundo ABNT NBR 15287 Disponível em <http://portal.metodista.br/biblioteca/servicos/modelo-projeto-pesquisa>. Acesso em: 19 set.18.

VISENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. **O grande oriente médio**: Da descolonização à primavera árabe. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

WEISZFLOG, Walter et al (Ed.). **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/purifica%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 01 abr. 2019.

WEITMAN, Rabino Y. David. **Desvendando o Divórcio**. 1999. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/sabedoria-judaica/desvendando-o-divorcio.html>. Acesso em: 26 nov. 2018.